

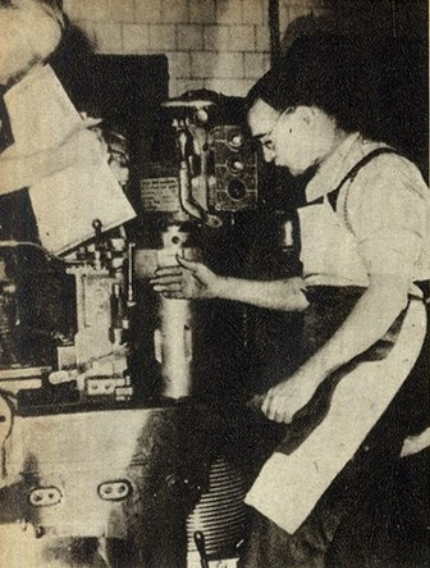
DEPÓSITO LEGAL
JUL 1945
~~SET 1945~~

N: 113

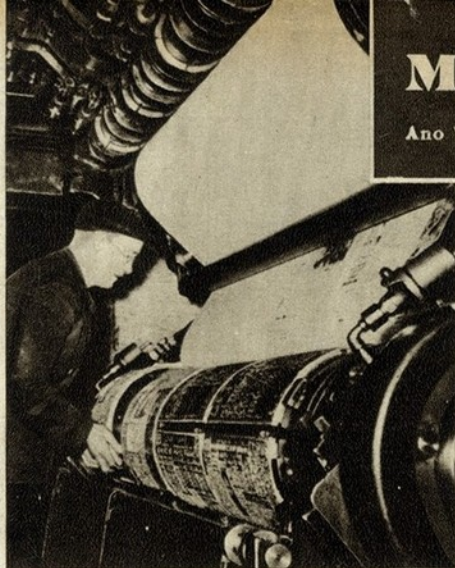


ATÉ A ESFINGE TEM CALOR

**MUNDO
GRÁFICO**



A matriz é tirada da armação do tipo e colocada numa destas máquinas de fundição que produzem muito rapidamente pranchas semi-cilíndricas prontas para serem fixadas nos cilindros das rotativas



Nesta fotografia duma secção duma das gigantes máquinas rotativas de impressão vê-se o cilindro com as pranchas estereotípicas por meio das quais o rôlo de papel é impresso



Chovem notícias de todo o mundo, algumas das quais são recebidas nas máquinas teleimpressoras



Assim que se acaba de redigir um artigo ou uma comunicação o rapaz dos manuscritos (copy-boy) entrega-o para ser despachado pelos tubos de ar comprimido para a oficina de Composição

A IMPRENSA BRITÂNICA NA GUERRA

UM dos feitos mais característicos, e não dos menores, da Grã-Bretanha é o de ter mantido durante os anos de guerra uma imprensa livre e independente. E também coisa altamente meritória da parte da Imprensa no seu conjunto é que os jornais e os periódicos tenham sido publicados com regularidade infalível, não obstante as dificuldades extraordinárias com que a Indústria tem lutado.

Cortes drásticos no papel de jornal e reduções consideráveis no pessoal adestrado, medidas de segurança a acatar, avarias ou destruição de maquinaria preciosa devidas a bombardeamentos alemães — foram estas algumas das condições que os 128 jornais da manhã, da tarde e da noite e os 788 hebdomadários da Grã-Bretanha tiveram que enfrentar. O seu triunfo reside no facto de terem sobrevivido a isso tudo e de nunca terem deixado de servir um público mais cedente de notícias do que nunca.

A Grã-Bretanha importa, evidentemente, o seu papel de jornal ou a pasta de que é fabricada e, antes da guerra, o seu consumo por parte dos jornais era de perto de 23.000 toneladas por semana. Tão severos foram os cortes no consumo, em obediência às ordens do Governo, devido às exigências da guerra, que apenas se utilizavam umas poucas 4.850 toneladas por semana, nos princípios de 1944. Por outras palavras, isto quer dizer que os principais jornais londrinos, que antes saíam com 16 a 24 páginas, apareceram, na sua maioria, com números de 4 páginas. A quantidade de anúncios que podem publicar — e sua principal fonte de receita — é também estritamente superintendida.

A censura da Imprensa na Grã-Bretanha é

(Continua na página 28)



Cada um dos jornais londrinos tem a sua equipa própria de fotógrafos. Nesta fotografia vê-se Frank Rust, do «Daily Mail», com alguns dos muitos aparelhos de que se serve e que vão desde o «Contax» de 35, mm até ao aparelho de construção especial de grande distância focal com uma objetiva telefotográfica de 60 polegadas



O interior da sala do sub-editor, onde se examina o relato ou artigo original para lhe reconhecer as possibilidades e sugerir-se ideias para o seu melhor aproveitamento

REFLEXOS DO MUNDO

As experiências feitas, embora com bons resultados, não permitem ainda a construção para fins comerciais.

A bomba aguentará o «pneu» cheio contra qualquer picadela que não o esvazie em menos de três minutos.

(De *Yorkshire Post*)

Por duas tranças...

O tráfico internacional de cabelo humano, em tempos idos foi muito mais desenvolvido do que poderíamos imaginar. Em meados do século passado, a Inglaterra importava anualmente cerca de 100.000 libras esterlinas de cabelo humano, principalmente destinado a satisfazer as necessidades daqueles que o tinham em pequena ou nenhuma quantidade.

As cores mais caras eram e ainda são o «Auburn» e o «louro ouro». Não há muito, em 1935, uma repariga austríaca vendeu as suas duas tranças com cinco pés de comprimento cada, ou seja cerca de cinco metros, as duas, pelo preço «record» de 25.000 francos. O melhor cabelo é o do norte de Itália. A alimentação abundante de leite e queijo de cabra contribui para



tornar os cabelos sedosos e lustrosos. São várias as razões por que os possuidores de cabelo o vendem. Lembramos que pouco antes da guerra 1914-18, imensas

Arrumado...

— Mas afinal que espécie de homem queres tu para casar?

— perguntou um jovem, depois de, pela terceira vez, ter sido corrido pela namorada.

— O homem com quem eu quero casar — respondeu a rapariga — tem de ser muito forte de carácter, árduo, teimoso, trabalhador, bem colocado na sociedade e admirado por todo o mundo.

— Nesse caso vens atrasada — replicou o rapaz irritado. — A Senhora Churchill já o apanhou.

(De *Answers*)

Os organizadores da Exposição de Medicina Moderna Inglesa, quando da sua recepção aos representantes da Imprensa

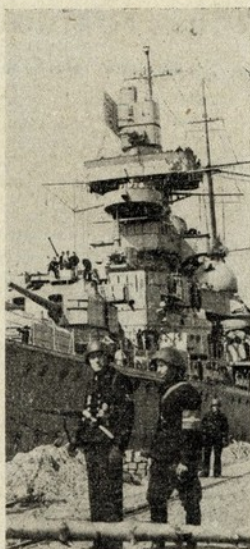
avançada. Alguns exemplares vão escasseando no mercado, pelo que já alcançaram preços fabulosos.

(De *Country Life*)

Coleccionadores...

Apesar das caixas de cigarros não trazerem, há já alguns anos, cartões ilustrados, as suas colecções continuam com entusiasmo. Os coleccionadores não são só as crianças mas também os adultos que estão a levar o caso muito a sério. Existe mesmo uma Sociedade Cartolítica, passe a termo, à semelhança do que há para os selos, onde as colecções são estudadas, avaliadas e discutidas.

Um comerciante recentemente estabelecido com negócio deste género, declarou que vendia mensalmente cartões no valor aproximado de 1.000 libras, sendo a maioria dos compradores adultos e alguns já de idade



Um dos raros couraçados alemães que escaparam à destruição da esquadra inglesa foi tomado em Copenhague

mulheres turcas patrioticamente venderam os seus cabelos para com o dinheiro obtido ajudarem à compra de barcos de guerra.

(De *Glasgow Herald*)



A duquesa de Kent, com seus filhos, à saída da catedral de São Paulo, onde se realizou cerimónia em acção de graças pela Vitória das armas britânicas

FÁBRICA DE CARIMBOS

EM TODOS OS GÉNEROS

CHAPAS ESMALTADAS — SÉLOS EM BRANCO — SINETES PARA LACRAR

E. E. de Sousa & Silva L.^{da}

Casa fundada em 1819 — Telefone 2 7915

GRAVURAS EM TODOS OS GÉNEROS DATADORES E NUMERADORES, EMBLEMAS PARA SPORT, ETC. ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO E DE NOVIDADE BORDADOS DA MADEIRA

157-159, RUA DO OURO
L I S B O A



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS
20.30 às 21.00	19,50	19,70	25,30	25,40
22.45 às 23.15	19,50	19,70	25,30	25,40

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da S. B. C.,
todos os dias, das 21,30 às 21,45

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

ACENDEM-SE AS LUZES

(Continuação da pág. 11)

távamos em Maio de 1940. Os homens entreolhavam-se a miude mas nada diziam. Podíamos ouvir o troar surdo dos canhões. Tão perto da nossa mesa de chá? Ainda não tínhamos ouvido uma palavra acérra de Dunquerque mas não tardou que ouvíssemos. A França estava a tomar. Hitler, como por secretas artes mágicas, invadira a Europa quasi toda e estas ilhas eram tão pequenas! Lembrome de um comentário de Madrid, naqueles dias: A Inglaterra está encurrulada! Quando examinei o mapa vi que estava. A esquadra italiana, quando a França se rendeu, encontrava-se entre nós e o canal de Suez. Os submarinos de Hitler pairavam a Oeste. As suas esquadras de bombardeiros e as suas barcas de invasão estavam a poucas milhas na outra margem do canal da Mancha. A história da Inglaterra tinha em perspectiva um solavanco, se não fosse uma paragem definitiva. Ouvimos agora dizer que o mundo que nos contemplava esperava que admitíssemos a realidade dos factos, chegando ao melhor acordo que nos fosse possível com o vencedor. Pois bem: o mais curioso é que naqueles dias, não encontrei viva alma que tivesse pensado sequer em tal. Ninguém parecia compreender que houvesse outra coisa a fazer senão agüentar e andar para a frente. Não fazíamos, está claro, a mínima idéa nem para onde nem como, nem o perguntámos. De que servia perguntar quando os nossos tanques e os nossos canhões juncavam as terras de Flandres? Costumava ver naquele tempo os trabalhadores rurais encaminhar-se, à noite, para os seus pontos de reunião, armados de caçadeiras. Começámos a esperar pelo que sucederia em seguida. Digo-lhe, e pode cre-lo, nunca ocorreu a ninguém, nem mesmo à velha que tem a lojita de doces ali à esquina, que houvesse outra coisa a fazer senão combater contra Hitler até chegar a uma decisão final. Ela tinha a sua fé.

E agora tornam a acender-se as luzes. O que é um milagre?

Para lhe dizer a verdade ainda não compreendo o que se passou. E pasmo ainda. Foram aquelas escasas centenas da fina flor dos nossos rapazes que, no céu, nos salvaram enquanto Londres ardia. Ao mesmo tempo salvavam uma oportunidade para a América e outra para a Rússia. Devia prestar-se um tributo internacional àquele pequeno bando. Interromperam a marcha fascista através do mundo e desviaram o rumo que a

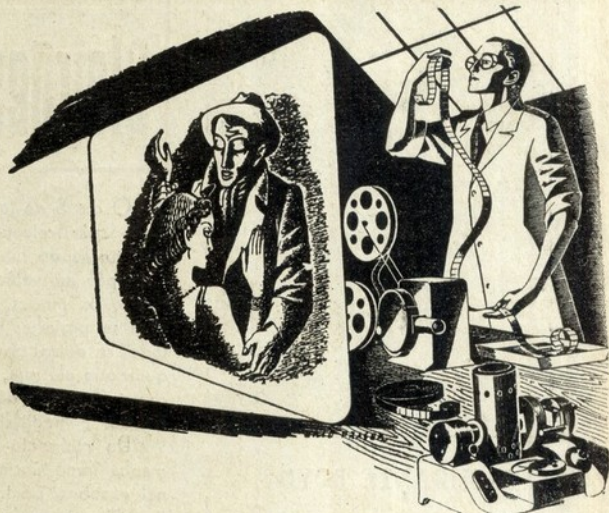
história universal estava a tomar. Se não fosse esse pequeno bando de bravos... mas pondere e avalie por si próprio a alternativa. Para mim foi já alguma coisa ter ouvido as metralhadoras no céu onde nada se via até caírem os aviões inimigos de cabeça para baixo, do bojo enovelado das núvens — fazem um ruído aterrador ao cair! — e depois ver, nalguma nesga de céu limpo um grupo ordeiro de falenas prateadas a voar para leste. Os Spitfires a escorregar o inimigo. Era como que a repetição de 1588 e a Grande Armada de Felipe II, era de novo Trafalgar, mas desta vez, as nossas naus singravam entre a Grande Ursa e o Pegaso.

Lembra-se de uma campina soalheira junto da praia de Chesil onde jogámos uma vez o cricket com o seu pai que tanto estimulávamos e respeitávamos? Aquela campina esteve cheia de minas terrestres durante mais de quatro anos e da praia ninguém se podia aproximar, vedada como estava por uma verdadeira selva de armações de aço, de armadilhas e de arame farpado. Esteve abandonada às gaviotas e aos destroços ali atirados pelo mar, durante todo esse tempo.

Em Junho de 1940 começámos a aguardar a invasão. Vigiei aquela campina durante as horas mortas da noite, quando a lua, a maré e o tempo nos ofereciam os piores prognósticos e depois de cada vigília perguntava aos meus botões por que motivo tínhamos sido poupados mais uma vez. Só vagamente nos apercebíamos disso, então, mas, lá em cima nas nuvens, estava sendo ganha a batalha, desde Hammer-Smith até Portland Bill, de Golders Green a Orfordness. Que noites passámos junto daquela praia! Precissões de bombardeiros nazis roncavam e pulsavam por cima das nossas cabeças a caminho de Bristol, do País de Gales e do Norte. As luminárias no céu eram lindas mas aterradoras; ao cintilar das estréllas juntavam-se os clarões alaranjados das granadas que estotravam num céu varrido pelos projectores e, de vez em quando, o rasto ensanguentado dum bombardeiro em chamas que caía. Quando apinhado pelos projectores um avião inimigo, largava sobre nós a sua carga. A minha casita pulou para o ar e tornou a assentar-se; o tojo no monte pegou fogo e ardeu. E conquanto estas coisas se vissem não se ficava a saber muito.

Mas, ralou, enfim, o dia claro. Estive em Weymouth o há

O CINEMA



A maior distração da nossa época é o Cinema. Há muita gente que gosta do cinema mas quantos compreenderão o que a indústria cinematográfica deve à Química?

No entanto nenhuma forma de diversão está tão intimamente ligada às pesquisas químicas. O próprio celuloide, base da cinematografia, é uma realização da indústria química. A mão do químico sente-se em tudo desde a caracterização até as lâmpadas de projecção.

Os aparelhos de gravação do som; a fotografia a cores; as tintas para os fatos e acessórios; a decoração, desinfecção e condicionamento do ar das próprias casas de espectáculos — tudo isto exige um trabalho constante de pesquisas químicas.

A química ao serviço do homem

Imperial Chemical Industries, Londres, Inglaterra



dias e muito me alegrou o que vi. A sua praia famosa e o seu passeio contíguo estiveram-nos vedados durante tanto tempo que naquela estância balnear tão aprazível nos dava a impressão de que morreria toda a alegria. Fitava enxovalhada e carrancuda o Canal da Mancha. No outro dia, o sol tinha tornado a descobri-la. Na rebenação, floria um verdadeiro jardim variegado de fatos de banho. Tive que olhar segunda vez para acreditar.

Estou de volta a esta parte mais solitária da costa que sei ter sido considerado pelo Ministério da Guerra como um dos pontos mais prováveis de invasão e um dos mais perigosos, antes de Hitler ter tido a loucura de atacar a Rússia. Os nossos sapadores estão a destruir as minas disparando-as e por isso V. não poderá tornar a jogar o cricket naquela campina senão daqui a muito tempo. Ao longe, vindo na minha direcção pelo carreiro de-

serto que vem dar à praia, uma rapariga empurrava um carrinho de criança. A primeira andorinha! Um perfeito fenómeno! Mais adiante páro para dois dedos de cavaco com um velho capataz. Superintendia as reparações que se efectuavam numa estrada dilacerada pelos carros do exército. Qualquer coisa no corte do seu bigode elucidou-me e disse-lhe, quando falávamos de vitória. — Sim, e você entrou na outra guerra?

— Fui ferido em Mons, mas lá estive até ao fim.

— Então já deu a sua contribuição há muitos anos.

— Ele hesitou e depois disse: — Até certo ponto. Perdi dois filhos em Dunquerque.

— Fez uma pausa e acrescentou de mansinho:

— E agora o meu terceiro filho já me voltou para casa, mas não tornará a poder andar.

Diga-me que deveria eu ter respondido a este velho inglês?

Seja prático e económico



viaje na

Informações: — em todas estações de C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031

— no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722



ALMIRANTE BOYD

UM dos mais ilustres marinheiros da Inglaterra, com as suas provas dadas em duas guerras mundiais, o vice-almirante D. W. Boyd acaba de ser nomeado para o comando da aviação naval britânica, com o posto de almirante. Esta nomeação deve considerar-se como um sintoma do interesse que as autoridades navais da Grã-Bretanha estão a emprestar aos serviços da aviação naval. Perante a verdadeira revolução que, na estratégia do mar provocaram os ensinamentos da guerra que agora teve o seu termo na Europa, ensinamentos colhidos tanto no Atlântico como no Ártico e no Pacífico, o Almirante entendeu que a aviação naval devia passar a constituir uma arma à parte.

Esse significado aparece ainda pôsto em relevo pela circunstância de o almirante Boyd desempenhar, antes da sua escolha para o posto que vai agora assumir, as funções de Quinto Lorde do mar nos conselhos do Almirantado. Ao assumir a direcção efectiva das cinquenta estações aero-navais espalhadas pelo território da Grã-Bretanha, o almirante Boyd tomou sobre os seus ombros uma grave responsabilidade. Mas deve dizer-se que a tarefa que lhe foi confiada, a qual não diz apenas respeito ao presente porque aparece estreitamente relacionada com o futuro da Grã Bretanha, não podia ter sido confiada a melhores mãos.

O almirante Boyd, que conta actualmente cinquenta e dois anos, tem uma brilhantíssima folha de serviços.

O seu nome tornou-se muito conhecido durante o período em que exerceu o comando do famoso porta-aviões «Illustrious» que tão extraordinária acção desenvolveu no Mediterrâneo. Os alemães anunciaram o seu afundamento por mais de uma vez, sem que as suas informações se verificassem.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Eleições em Inglaterra

NO dia 5 de julho, vão realizar-se, em todo o território da Grã-Bretanha, as eleições que devem decidir sobre a constituição do futuro Parlamento britânico. É quasi desnecessário pôr em velêo a importância deste acto que excede, em muito, os limites do interesse nacional de um grande país, para se projectar para além das suas fronteiras e interessar a todos os outros povos. A decisão do eleitorado britânico, qualquer que ela seja, deparará com o respeito de todo o mundo como afirmação da vontade soberana de um povo que acaba de dar a medida do seu valor real nos campos de batalha.

De momento, em vésperas de um acontecimento de tamanha importância e significação, sob o ponto de vista nacional e sob o ponto de vista Internacional, o que mais impressiona é o espectáculo de dignidade cívica, de elevação política e de fervor patriótico que caracteriza o panorama eleitoral em Inglaterra. O calor das discussões, e mesmo a paixão das controvérsias, que só se registam em Inglaterra em circunstâncias excepcionais, não ensombram a recordação recente da unidade afirmada na hora em que tudo parecia perdido e em que, sem o exemplo dessa unidade, o mundo correria o risco de ver para sempre perdidos os conceitos fundamentais de paz e de liberdade.

A Inglaterra votará, no dia 5 de julho, com o mesmo apuro, com a mesma dignidade e com a mesma isenção com que, há pouco, empunhava as armas em todos os cantos do globo onde se torna necessária a intervenção dos seus soldados, dos seus marinheiros e dos seus aviadores.

O significado profundo destas eleições não pode passar despercebido a ninguém. Nelas votarão os combatentes que acabam de suportar os mais pesados sacrifícios para defenderem uma causa que não era apenas sua, porque interessava a toda a humanidade. Nelas votarão os operários e trabalhadores que formaram uma frente interna invulnerável à fadiga e ao desânimo, ás insinuações e ao derrotismo fácil. Nelas votarão as mulheres que deram, durante cinco anos e meio de luta árdua, um exemplo incomparável de coragem, de dedicação e de estoicismo. Qualquer que seja o seu resultado, o mundo sabe que a Inglaterra não abandonará, por um momento sequer, a vigilância e a defesa dos ideais pelos quais os seus filhos se bateram e que continuará a afirmar, por toda a parte, o primado dos valores morais e espirituais que sempre justificaram a sua intervenção nos grandes conflitos armados com os quais foi posto em causa o presente e o futuro da nossa civilização.

O espectáculo que a nação inglesa acaba de dar, com a escolha da delegação que deve representá-la na anunciada conferência dos «Três grandes» (que segundo a expressão do Primeiro ministro num dos seus últimos discursos dos Comuns é uma designação imprópria para significar os chefes das grandes potências vencedoras da última guerra) bem pode ser tomado, por todos os povos, como um exemplo digno de ser considerado e seguido. O convite dirigido pelo sr. Churchill ao chefe da opposição trabalhista, major Clemente Atlee, para que este o acompanhe no decurso dos trabalhos daquela importante reunião internacional, revela até que o ponto o jogo normal das instituições representativas na Grã-Bretanha vão afectar as linhas gerais de política externa e de política imperial de um país que tem a consciência plena das suas responsabilidades e das suas obrigações.

O OBSERVADOR

Uma data histórica

Nas praias da Normandia realizou-se uma comemoração simbólica do primeiro aniversário do desembarque do Aliados. O dia D, inicialmente marcado para 5 e, finalmente, tornado realidade no dia 6 de Junho de 1944, é uma data que pertence à história, à história do nosso tempo e à história da guerra que acaba de ver o seu termo na Europa. De todos os acontecimentos importantes, e mesmo decisivos que ocorreram durante quasi seis anos de luta, o desembarque na Normandia foi, sem dúvida, o que se revelou de mais transcendentes conseqüências. Sem êle, a decisão da luta não seria alcançada tão cedo, e é difícil dizer em que condições acabaria por ser alcançada.

O desembarque, cujo primeiro aniversário agora se comemorou, não se limitou à criação de uma segunda frente terrestre, no continente. Foi o episódio estratégico que revelou aos alemães a inutilidade de continuar a combater por uma causa antecipadamente perdida.

As cinco tarefas

No seu discurso radiodifundido durante a campanha eleitoral, o qual foi pronunciado no dia 13 de Junho, o sr. Churchill anunciou que o seu governo, no caso de ganhar as eleições, se propõe realizar urgentemente as cinco grandes tarefas que, em sua opinião, devem constituir o programa mínimo e imediato de qualquer governo britânico: prosseguir na guerra contra o Japão, até a sua conclusão vitoriosa; adaptar a industria do país, das necessidades da guerra às exigências da paz; proceder à desmobilização das classes chamadas às fileiras, na medida em que isso seja permitido pela guerra no Extremo Oriente; reorganizar o comércio de exportação britânico; levar a bom termo uma política nacional de emprego para todos, alimentação e habitação.

Esta tarefa exige, para ser completamente executada, uma equipa ministerial homogênea dirigida por um homem de Estado com as suas provas dadas, e com o concurso de um Parlamento consciente das suas responsabilidades e de uma opinião pública esclarecida e decidida a consentir os sacrifícios indispensáveis para a realização de uma política de salvação nacional.

MUNDO GRAFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Revista Quinzenal

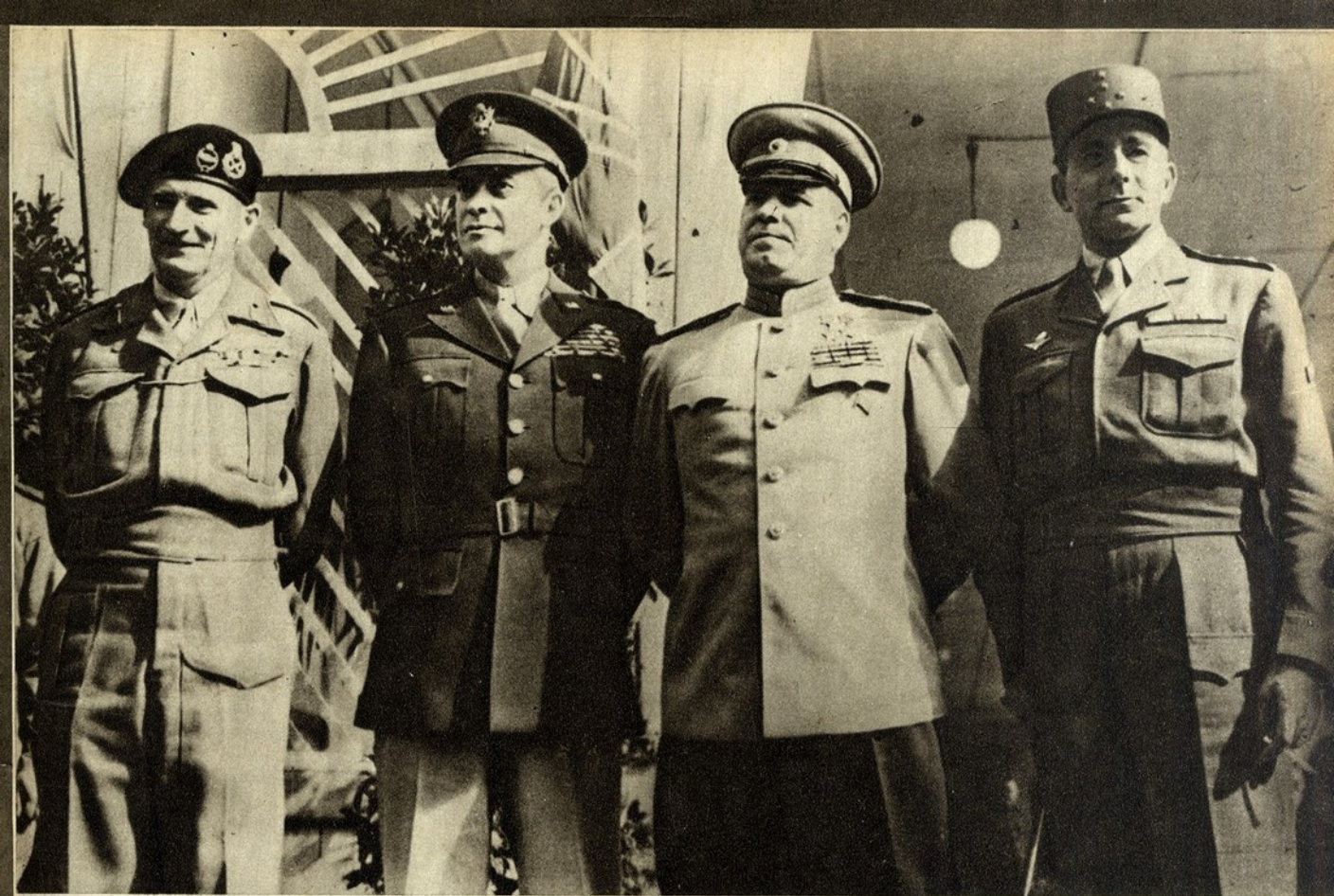
Propriedade do Mundo Gráfico, L.ª

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Depois da conferência de Berlim. Os homens que conquistaram a Alemanha: da esquerda para a direita: marechal Montgomery, generalíssimo Eisenhower, general Zuhov e De Látro de Tassigny

A PAZ NA EUROPA

HÁ menos de dois meses que numa casa obscura de Reims foi assinada a declaração de rendição incondicional da Alemanha. Esse acto simbólico, tão ansiosamente esperado por toda a parte, era o epílogo duma luta dramática que se prolongou ao longo de quási seis anos e semeou, sem custar, a morte e a ruína. De todos os países envolvidos nessa luta, a Inglaterra foi, sem dúvida, a que sentiu mais prolongadamente os seus efeitos. Nenhuma das grandes potências vitoriosas esteve, como ela, presente nos campos de batalha, nos mares e nos ares, desde o início das hostilidades, em 1 de Setembro de 1939, até ao seu término, em 8 de Maio de 1945. Nenhum outro país enviou, como ela, os seus filhos para combaterem nos pontos mais distantes do globo, desde os arquipélagos do Pacífico até às praias da Mancha, desde as águas geladas do Artico às paragens agitadas do Cabo da Boa Esperança, desde a atmosfera asfíxiante da Birmânia às brumas da Groenlandia. Nenhum outro povo lançou, como o povo inglês na balança de uma decisão incerta todos os seus recursos, no presente, e todas as suas possibilidades em relação ao futuro. A vitória não foi para a Inglaterra uma clareira do céu



As crianças refugiadas de Londres voltam aos seus lares. Quantas não os encontram em ruínas, mas a felicidade e a alegria voltam com elas



Os ingleses amam os bichos. Veja-se como o sr. H. J. Ellwell, de 78 anos, acarinha esta cabra do Zoo, de Londres



Mais 30 generais alemães que chegam à capital do Império, de onde são dirigidos para vários campos de concentração
Prisioneiros ingleses libertados por um dos exércitos aliados, voltam à pátria, o *sweet home*



A vida na Holanda. Já há crianças e tulipas. Umas sorriem; outras desabrocham sem medo do invasor, que foi derrotado

ou um produto do acaso. A história se encarregará de demonstrar que, sem o seu esforço, sem o seu concurso e sobretudo sem o seu exemplo inigualável a paz hitleriana reinaria hoje sobre o Mundo.

Foi um dos maiores ingleses de todos os tempos, Winston Churchill, que advertiu os seus patriotas da necessidade de não desperdiçar o tempo em celebrações festivas por muito justificadas que estas sejam. Mal refeita ainda das tarefas exigentes da guerra, a Inglaterra prepara-se para ganhar rapidamente a batalha árdua da paz. Como há cinco anos, quando a sua decisão de combater e vencer se afirmou eloqüentemente em Dunkerque, hoje o seu propósito inabalável de conquistar rapidamente a tranqüilidade, o bem estar e o progresso que foram sempre as marcas inconfundíveis do tipo de civilização que criaram, domina o espírito de todos os ingleses sem distinções



A Inglaterra tem enviado grandes quantidades de leite para a Holanda, acudindo, assim, à extrema carência dos velhos e das crianças





A ternura das crianças inglesas pelos animais. O cordeirinho também vai de carro



O que o povo holandês sofreu durante a ocupação. Uma velha neerlandesa apanhando lenha para se aquecer



Londres come peixe com abundância. Um carregamento a caminho do mercado

de qualquer espécie. O primeiro sintoma de saúde colectiva a registar no caso da Inglaterra é o da sua estabilidade política. A menos de dois meses da celebração do armistício os ingleses vão votar. Ninguém ignora como a campanha eleitoral, cuja importância é unanimemente reconhecida, tem decorrido naquêlo país. O debate sobre os problemas mais instantes postos pelas vicissitudes da guerra e pelas exigências da paz decorreu com uma elevação que não tem paralelo em nenhuma outra parte. O Parlamento que, durante dez anos, conheceu e dominou as mais graves dificuldades. Será substituído no dia 1 de Agosto por uma representação capaz de interpretar a vontade e as aspirações predominantes da nação britânica.

Simultaneamente, em Londres e em S. Francisco, vemos afirmada a unidade e a coesão do Império. As propostas recentemente apresentadas por Lord Wavell à In-

(Continua na página 29)



Troféus nazis



Elas estão encantadas com o magnífico casaco que se exhibe nesta passagem de modelos

ELAS vão despir a farda e o fato-macaco que usaram durante quase seis anos, numa magnífica expressão de heroísmo e sacrifício, correspondendo ao apêlo da Inglaterra, que exigia a colaboração de todos — todos sem distinção de sexo e de idade, para que a vitória fôsse alcançada. E foi! Elas, as mulheres da Grã-Bretanha, tiveram uma árdua missão a cumprir. Agora, voltam a ser verdadeiramente mulheres, verdadeiramente femininas, com a sua personalidade, essa personalidade de que, corajosa e nobremente, souberam esquecer-se, numa lição enorme de patriotismo. Já têm, outra vez preocupações de vestuário e de moda para a recuperação do encanto que, afinal, nunca perderam.

Evidentemente que a medida-tipo, que Hollywood exportara, variou sensivelmente; ombros mais largos, ancas mais robustas, que o trabalho foi violento, para tantas. Nem por isso serão, todavia, menos elegantes.

ELAS DEIXAM A FARDA



Ainda será, porém, a linha criada pela guerra — a linha simples — que há-de imperar



Apesar do vestido novo, ela sente-se feliz, sobretudo, por ter cumprido o seu dever



ACENDEM-SE AS LUZES

Abbotsbury,
Dorset, Inglaterra.

Meu caro amigo,

Acenderam-se as luzes. Isto é absolutamente verdade, embora, também lhe possa dar interpretação metafórica. Tivemos a escuridão obrigatória durante cinco anos e, agora, nasce a luz. Não exulto; estou apenas contente. Há muitos lares aqui — conheço alguns — em que a luz deverá conservar-se apagada. Noutros, apagou-se para sempre. V. viveu aqui tantos anos que era considerado um dos nossos e tivemos desgosto quando regressou à sua terra. Mas, foi uma sorte ter regressado porque os céus desabaram pouco depois. Deve ter adivinhado, quando as más novas se avolumaram de dia para dia, o que isso representava para nós. Foi um espectáculo e um problema que, antes e depois de Munique, tentámos ambos vislumbrar, V. e eu. Mas foi pior do que V. imaginava, pior do que admitíamos, do que tudo quanto eu possa ou saiba descrever. Quando voltar de novo a Londres e procurar o lugar onde, nos tempos antigos, nos costumávamos reunir, não saberá reconhecer onde está. Há-de olhar com muito espanto, mudo porque não há palavras que traduzam o pensamento. Mas tentará imaginar o que teriam sido para nós as noites e os dias em que os campanários e os monumentos que tão bem conhecia desapareciam, um a um. Para mim, tudo se confunde num pesadelo sem nexos, perdidos os pormenores, a maioria pelo menos, num sentimento de incredulidade, à medida que as luzes se acendem.

Foi uma noite longa. Mas lembre-se do «Cockney». Sei que gostava dêsse tipo,

tão intimamente aparentado com Sam Weller, Marie Lloyd e Charlie Chaplin. Julgava conhecê-lo bastante bem, mas onde êle foi buscar o ânimo e a paciência para arrastar com tudo isto até ao fim não faço a menor idéia. O seu nome é talvez apenas «Alguém», mas ofusca a aura romântica dos contos dos heróis mais famosos. Lembra-se da minha casa em Croydon? As cercanias transformaram-se em campo de aterragem das bombas voadoras. Começaram a aparecer no meio duma noite de Junho e vi chegar a primeira. Eram arautos dourados que os holofotes descobriam nos céus, mas arautos não sabia eu de quê. Imediatamente a seguir passámos doze horas alagados debaixo das escadas, e o futuro era para nós tão problemático como se estivessemos na primeira linha debaixo de fogo intenso. As erupções sucediam-se, de perto e ao longe, permanente e incansavelmente, quando já nos sentíamos fatigados. Na segunda noite do ataque a minha casa apanhou uma em cheio, mas isso pouco importa porque alguns dos nossos vizinhos morreram. Aquela subúrbio prazenteiro é hoje um matadouro em ruínas. Não obstante, de princípio ao fim, serviam-nos o chá, como de costume na High Street. Os omnibus apenas paravam, de repente, quando uma bomba barulhenta mergulhava perto. Quando uma coluna de fumo negro indicava onde aquela tinha rebentado, os omnibus prosseguiam o seu caminho, se pudessem. Atravessar Londres era uma jornada coa-

Carta a um amigo no estrangeiro
de H. M. Tomlinson

Hoje, o povo da Grã-Bretanha encara o futuro através da janela da vitória. Mas, por muito que queira esquecer, poderá esta gente deixar de olhar para trás — para a lóbrega carnificina dos lares desfeitos pelo qual teve que romper caminho? Nesta carta, o autor célebre de «Todos os nossos ontens» (All our Yesterdays) e de «O mar e a Selva» (The sea and the jungle) escreve as impressões dos seus compatriotas

lhada de incidentes, mas o trabalho na cidade prosseguiu ininterrupto. Muitos meses durou, todo o dia e toda a noite, a coroar tudo quanto precedera! Seguiram-se as bombas de foguete. Estas caíram subitamente do céu sem aviso algum. Cada explosão fazia estremecer o ar, mas quem o sentia sabia que não fora atingido e aguardava a seguinte.

E, no entanto, estou a omitir, e não o devia, Plymouth, Southampton, Liverpool, Glasgow, Belfast, Manchester, Bristol e mil outras cidades, vilas e aldeias. Em muitas delas grandes áreas assemelham-se ao que foi Ypres, nos outros tempos. No entanto, toda essa ruína e desolação mal indica o que se passou de pior. O pior de tudo foi o que se nos passava no espírito, a incerteza, a vigilância constante e sem fim. As ruínas não lhe poderão descrever o que foi cada crise, e foram muitas, nem o que significava arrostá-las. Como tudo se conseguiu ficará sendo sempre um mistério de ânimo humano. Como esboçar, mesmo sumariamente, o que se passa no espírito de uma creatura no dia de juízo? Recordo um jardim do Surrey, e a floração primaveril tão linda e tão calma, como nunca houve outra; brincavam as crianças. Es-

(Continua na página 5)

RESCALDO DA GUERRA



A população alemã esvaiou este comboio carregado de víveres e de agasalhos para as tropas de assalto nazis, nos últimos dias da resistência



O general Eisenhower foi recebido apoteoticamente em Londres, quando passou pela capital britânica a caminho dos Estados Unidos. Depois da cerimônia em que recebeu o título de cidadão de honra de Londres, Eisenhower é cumprimentado pelo Primeiro Ministro Churchill

WELCOME EISENHOWER!



O General Eisenhower chega a Mansion House, acompanhado por Sir Frank Alexander, Lord Mayor de Londres

O General Eisenhower abandonou o comando efetivo das forças norte americanas na Europa e o comando supremo das forças aliadas na frente ocidental. Sabe-se como este homem, tão simples como ilustre, se desempenhou do encargo gigantesco que lhe foi confiado.

O seu nome tornou-se rapidamente popular em todo o mundo, em seguida ao desembarque aliado no norte de África, em 8 de Novembro de 1942. Depois disso, Eisenhower

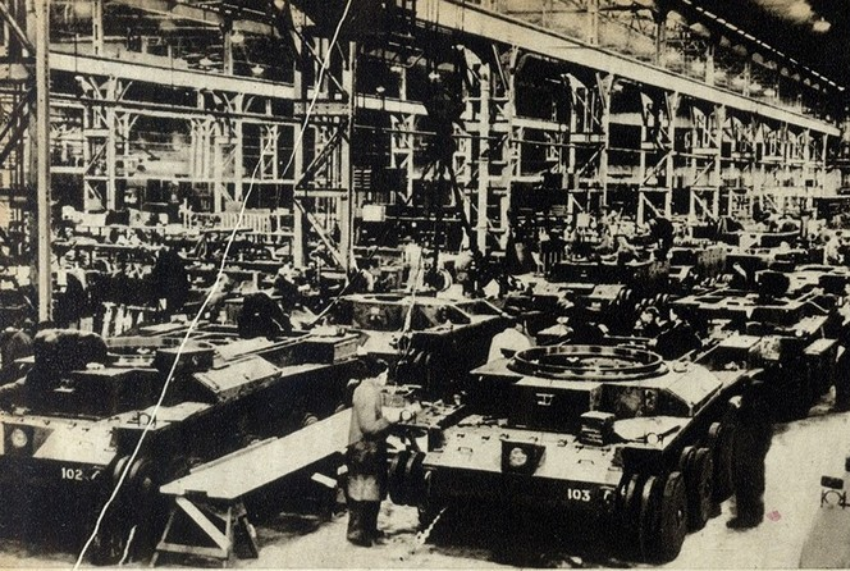


«Ike», como o general é familiarmente conhecido nos Estados Unidos, acompanhado pelo Marchal do Ar Tedder, atravessa as ruas da capital Britânica delirantemente aclamado

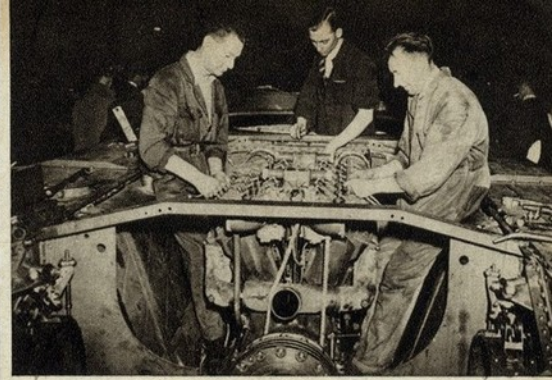


O comando supremo das Forças das Nações Unidas na Europa, de um pannela de Mansion House agradece as aclamações da multidão

nunca mais deixou de figurar como grande vedeta da imprensa mundial. O seu feltio conciliador removeu numerosos obstáculos que poderiam ter prejudicado a colaboração sincera das forças inglesas e americanas. De regresso aos Estados Unidos, a sua passagem por Londres constituiu uma verdadeira apoteose. Ali lhe foi conferido o título de cidadão honorário de Londres, em imponente cerimônia que se realizou na Mansion House. Ao chegar a Nova York, onde teve a mais formidável recepção de que há memória, no discurso que pronunciou para responder às saudações dos seus compatriotas, o general Eisenhower prestou um testemunho caloroso de simpatia ao esforço da Gran-Bretanha. Esse grito sincero da sua alma de soldado é, ao mesmo tempo, um testemunho histórico de valor incalculável.



Foram destas fábricas inglesas de material de guerra que saíram os poderosos tanks que venceram todas as batalhas até a derrota total da Alemanha



A montagem dos motores, operação delicada que exige técnicos especializados

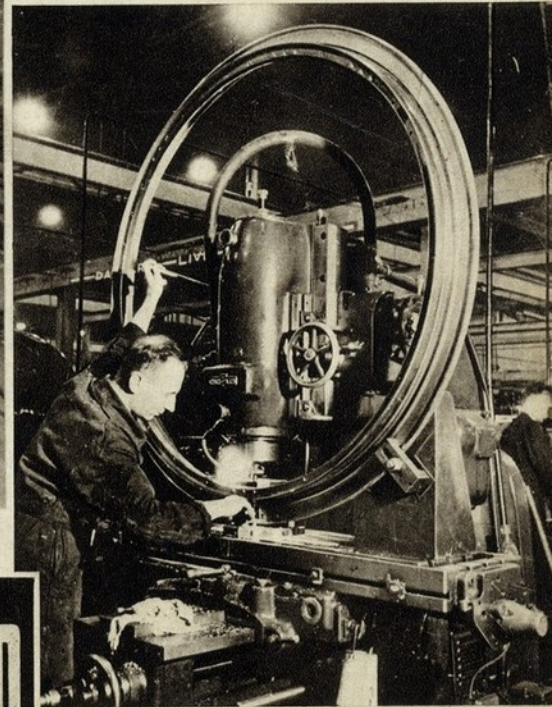
dores do inimigo em longas áreas, de Caen e da bolsa de Falaise até o Reno e para além d'ele), foi um dos feitos capitais da Grã-Bretanha, nos preparativos para o dia D.

Nas fábricas onde foram feitos há, resumindo, seis fases sucessivas de construção. A incomparável tradição britânica da mão de obra especializada e séculos de experiências no tratamento de metais, contribuíram para que cada fase do desenvolvimento desses monstros formidáveis fosse um modelo de precisão e bom acabamento, assim como de poder e força impecáveis.

Primeiro, é construída a super-estrutura, mais ou menos do feição de uma plataforma quadrada com



A cravação das blindagens dos tanks, uma das primeiras fases da construção em série das máquinas de guerra que, mais directamente, contribuíram para a vitória



As máquinas fazem tudo, desde as peças mais simples às mais complicadas. Este operário está a abrir os furos para a rebiteagem deste acessório cilíndrico

Os Tanks Ingleses Venceram

NA última fase da guerra, os tanks ingleses, são, por assim dizer, desenhados em dois grupos principais: tanks de infantaria e tanks cruzadores. Da amarga experiência de fazer face a um inimigo preparado de anteação para uma guerra mecanizada, desenvolveram-se estes dois tipos principais que esmagaram os panzer alemães.

O papel dos tanks de infantaria é apoiar a infantaria em violentos ataques sobre o inimigo. Depois, os tanks cruzadores forçam caminho por entre as fendas para desorganizar as comunicações e os abastecimentos; transformar reveses em debandadas. No caso de bolsas de resistência ficarem para trás, no curso rápido dum avanço dos cruzadores, os tanks de infantaria têm mais um papel a representar: manter o inimigo sob fogo dos canhões e lança-chamas.

A evolução do traçado e da manufactura do tank cruzador, o Cromwell e os seus sucessores (caça-

Também as reparigas trabalham nas fábricas de blindados. Este tank, já totalmente construído, está a ser pintado por esta linda operária





El-los, em ação, rodando para a frente, nas estradas alemãs, a caminho de Berlim

larga frente inclinada. O peso regula entre 10 e 20 toneladas e as chapas blindadas, da qualidade mais recente, aperfeiçoadas com a experiência da guerra, são soldados nos seus devidos lugares. A chapa superior da «caixa» tem um grande buraco redondo, no qual é colocada a torre.

A terceira parte é montagem do motor, geralmente um Rolls Royce que, quanto à potência e qualidade, não tem igual no mundo. Depois, em quarto lugar, montam-se os controles e as transmissões, estabelecendo a ligação entre a energia do

motor e as lagartas, a-fim-de que se possa controlar a velocidade e dirigir o veículo.

A seguir é colocada a torre sobre rolagens de esfera, para que tenha movimento rotativo até qualquer graduação dada pelo metralhador.

O comandante tem um periscópio saindo do alto da torre que pode ver toda a região em volta. Na torre, também existe um aparelho de rádio para comunicação com os outros tanks. Todas as ordens e comunicações são trocadas por meio de microfones.



Em plena batalha. Tripulado por americanos, este blindado anula as últimas resistências do inimigo, numa aldeia germânica



Frontos para atravessar o canal e irem participar na histórica ofensiva que levou Montgomery à vitória total

COMO ÊLES ERAM

HITLER

GOERING

EM 1939, disse-me um homem, depois da sua primeira entrevista com Hitler: — «Estava preparado para encontrar-me com um demagogo vulgar e encontrei um verdadeiro estadista.» Havia outros que se deixaram enganar de maneira semelhante nos primeiros tempos do regime Nazi. Os seus gestos estudados não deixavam de impressionar aqueles que êle queria captivar. Era, realmente, um mestre do artificio invidioso.

A segunda guerra mundial estilhaçou todas as ilusões sobre o seu verdadeiro carácter. Já se lhe chamou, e acertadamente, a guerra de Hitler. Foi Hitler quem pregou o evangelho que serviu de lametável fundo «filosófico» à política da Alemanha e à orientação da vida alemã durante os últimos doze anos, obedecendo à regra: — «O direito é o que o Führer ordena.»

Quem foi êste cuja vontade ou cujo capricho se transformou na fonte da lei para toda a nação alemã? Adolfo Hitler não era de maneira alguma alemão. Nasceu na Austria, o primeiro país que êle ocupou militarmente depois da sua ascensão ao poder supremo. Foi, talvez, um acto de vingança contra a sua terra natal, por esta lhe ter negado os louros que êle tão ardentemente ambicionava.

Obsessão artística da juventude

Filho dum funcionário cujo nome de toda a ridícula êle não tardou em mudar, foi, mesmo nos seus tempos escolares, um tipo anormalmente violento. Obsessão pela ideia de ter nascido artista, procurou ser admitido na Escola Superior de Belas Artes de Viena. Como não o conseguisse e fôsse de seu natural preguiçoso, passou a viver de pequenos trabalhos ocasionais de carácter muito subalterno, antes de atravessar a fronteira para a Alemanha poucos anos antes da primeira guerra mundial.

Hitler instalou-se em Munique, onde deu expressão às suas inclinações artísticas a pintar casas e uns postais de má factura.

(Continua na página 30)

EM 1934, tive em Berlim uma nova conversa com um jornalista estrangeiro. Manifestava esperanças perdidas a respeito das condições vigentes na Alemanha de Hitler, mas reagiu, dizendo: «Finalmente há um Goering. Êste, ao menos, não veio do nada como os outros chefes nazis. Enquanto êle estiver ao de cima, ainda pode haver alguma esperança.» Contestei a asserção e creio que, se não o convenci na ocasião, a lição dos factos deve tê-lo feito a esta hora.

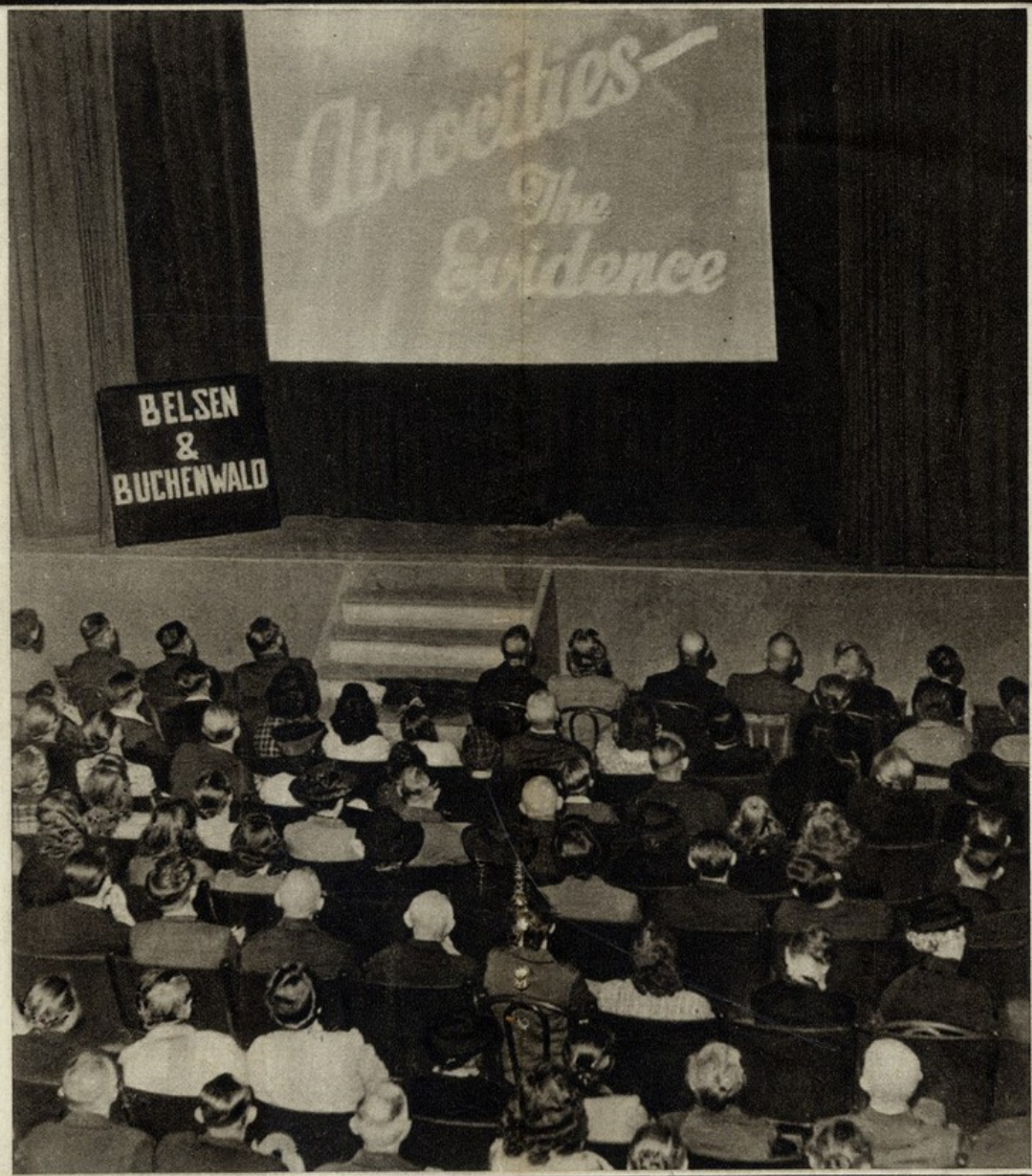
È bem verdade. Goering vem de uma família respeitável de funcionários civis. Entrou para o exército como cadete da Escola de oficiais e serviu como oficial na força aérea alemã, durante a primeira guerra mundial. A derrota da Alemanha em 1918 arruinou a sua carreira militar mas não destruiu as suas ambições. Junto-se, pouco depois, ao bando de Hitler em Munique como primeiro chefe das tropas de choque nazis e tornou-se conspicuo por usar uma camisa de seda por baixo da camisa castanha.

Valor social que representava para Hitler

Isto era característico de Goering. Serviu-se do partido nazi, em primeiro lugar, para satisfazer fins pessoais, tais como uma vida de luxo. As suas inclinações foram exploradas pelos donos das indústrias pesadas já antes de 1933; era êle o seu agente bem remunerado no seio do partido nazi. Naqueles tempos, Goering foi muito útil a Hitler. O ex-capitão sabia estar à mesa, podia representar os nazis nos clubes e nas reuniões mundanas e gente havia que achava não dever ser o partido de Hitler tão mau como se dizia (e era de facto) por estar nele altamente colocado um «homem tão delicado» como Goering.

Todavia, todos aqueles que não fecharam os olhos à evidência dos factos ficaram a saber, pouco depois da subida de Hitler ao poder, que espécie de homem era Goering na realidade. Fez parte

(Continua na página 30)



GOEBBELS

HIMMLER

GOEBBELS, (o doutor), como lhe chamavam os do partido Nazi, nunca captou as simpatias da organização. Pequeno, aleijado e de cabelo escuro, não correspondia às ideias correntes sobre a loura e nórdica raça dominadora. Consideravam-se úteis, mas perigosos, os seus predicados dialécticos. A sua inteligência, muito superior à de qualquer outro dos principais chefes Nazis, inspirava temor. Falava um dia como um comunista da extrema esquerda e pedia a expropriação das classes ricas; no dia seguinte, tremia-lhe a voz de indignação ao referir-se à «barbarie nihilista» da classe operária e exaltava o «conservantismo construtivo» dos cidadãos abastados.

Goebbels bramou contra as igrejas e acusou todos os bispos de ser cada um deles um «traidor» e todos os conventos de serem casas de má nota, mas êle mesmo pregava amilude com voz e modos unctuosos e não lhe repugnava citar versículos da Bíblia se isso lhe conviesse.

Foi aluno de um professor judeu

Nasceu em Rheydt, na Renânia, filho de pais burgueses da classe média e católicos romanos praticantes. Cursou a famosa Universidade de Heidelberg. Ali, foi aluno do professor israelita Gundolf, de fama mundial, um dos mais distintos mestres da literatura e da dialéctica da Alemanha. Completados os seus estudos, o futuro do jovem Dr. José Goebbels oferecia perspectivas um tanto inhóspitas. A meio do decénio 1920/30 o desemprego em massa aguardava na Alemanha grande número de intelectuais. O jovem revolucionário, como Goebbels gostava de se intitular, era ambicioso. Se não conseguisse os intentos dentro da ordem existente, erguer-se-ia contra ela. Foi, finalmente para Munique onde veio a ocupar o lugar de secretário de Gregor Strasser, o principal organizador do partido.

Em 1928, surgiram os primeiros desentendimentos entre Strasser, que representava a extrema esquerda do partido de

(Continua na página 30)

O pai de Heinrich Himmler era director de um Ginásio Real Bavaro (Liceu), em Munique — mestre-escola áspero e duro, temido pelos seus alunos e, provavelmente, também pela sua pequena família. Tinha dois filhos. O mais velho, Heinrich, que nasceu em 1900, atingiu apenas a idade suficiente para vir a ser cadete voluntário, cursando a escola de oficiais em 1918, mas não tendo os anos precisos para receber a sua patente antes de terminada a primeira guerra mundial ou entrar em combate. O jovem Heinrich foi desmobilizado e transformou-se num exemplo típico dos inúmeros rapazes frustrados mas ambiciosos que, na Alemanha, tinham sido educados, unicamente, para a guerra sem terem podido dar largas aos seus conhecimentos.

Ardendo em ódio contra todos aqueles que tinham «apunhalado pelas costas o vitorioso exército alemão» e que tinham «roubado à Alemanha a vitória já ganha», Himmler ganhava precariamente a vida criando galinhas e coelhos e estudando química agrícola em Munique. Ali, na Escola Superior Técnica, encontrou professores e estudantes que, como êle, não pensavam senão na guerra de vingança. Sob a sua influência, Himmler começou a instruir-se na superioridade da raça dominante alemã e nas possibilidades tanto biológicas como militaristas do «Renascimento alemão».

A Recompensa que lhes deu foi a morte

Alistou-se na «Reichskriegsflagge», uma associação ilegal de soldados do tipo Formação-Livre, sob o comando do capitão Roehm. Himmler não tardou a compreender que, naqueles tempos, o «gangsterismo» ilegal político e militar oferecia oportunidades mais latas para uma carreira do que a criação de coelhos. Pediu a Roehm que lhe arranjasse colocação no partido Nazi, acabado de constituir-se. Os chefes nazis foram unanimemente em antipatizar imediatamente com

(Continua na página 24)

Quem são os autores destas biografias

D. E. MENDE — co-redactor do «Die Zeitung», jornal da lingua alemã publicado em Londres, antigo jornalista na provincia e mais tarde funcionário civil antes do Regime Hitleriano. Escreveu estas biografias de Hitler e de Goering.

J. O. REICHENHEIM — Também co-redactor daquele jornal, antigo jornalista em Berlim e, mais tarde, correspondente dos jornais suíços em Roma e em Londres. È o autor das biografias de Goebbels e de Himmler.





Se o leitor for dado a imaginar colóquios sentimentais sabe com certeza o que Ele está a dizer a Ela



Nem no reino de Deus, se dorme com mais evangélica tranqüillidade



Quem sabe se este jovem está a pensar que poderia ser um grande descobridor de mares «nunca dantes navegados»

P R A I A S



Este pequenito parece estar mais familiarizado com o mar, do que a jovem que o acompanha

TALVEZ não seja ousado afirmar que o português junto do mar é mais alegre. Chega-se a duvidar de que as pessoas que encontramos nas praias, risonhas, bem dispostas, descuidadas da vida, sem sombra de tristeza, sejam as mesmas que vemos nos «cafés» ou na rua, encimesmadas, macambúzias a fazer-nos acreditar que arrastam consigo o mais pesado dos fardos.

Já é velho dizer-se que o lisboeta fugiu do mar, e começou a viver por «terra dentro», como, expressivamente, afirmam gentes ribeirinhas.

Daf a sua figura melancólica de erradio. Todavia, o mar foi, em tempos passados, a grande e aventureira fascinação dos portugueses. Mas as salutaras recordações despertam sempre nas almas que as vivem.

E, cremos, está explicado o «milagre» que o mar opera em nós. Às vezes até com um pouco de exagero. Pois, junto de uma praia, olhando o horizonte além confundindo o mar com o céu, não há nenhum português dos

nostros dias que não se sinta, pelo menos, Vasco da Gama.

Já com as senhoras não se dá o mesmo caso: as suas ambições não ultrapassam o desejo de serem sereias. Desejo, aliás, incompreensível, pois, quasi todas as raparigas «à la page» são ou se julgam verdadeiramente sereias.

Contudo, o ambiente das praias não sugere apenas ambições de grandezas e de elegância.

Há na tranqüillidade das águas do mar qualquer coisa que sara e pacifica as almas: é a alegria cândida das crianças. A praia é para elas o seu mundo — terão também as suas pequenas ilusões, mas são tão limitadas, tão inofensivas que num barquinho colorido cabem todas as suas viagens, os seus risos e, ainda, o universo que é o imaginar dos pequeninos.

É vê-los, de manhã ou à tarde, com os pêzitos rosados chapinhando na orla branca da espuma, ou sentadas sob os toldos multicolores, como «vivem» a vida das suas bonecas com quem entretêm monólogos infundáveis. Conversas, às vezes, tão profundas, tão cheias de verdade, tão ricas de idéias, que os adultos, devem sentir desgosto do tempo em que pensavam e dizia frases assim tão simples, tão sinceras. É, por isso quem sabe? que os homens, quando se lembram da infância, nos parecem crianças grandes.

Depois, o mar não transforma apenas a maneira surumbática das pessoas solenes das cidades. Ninguém dirá que esta ou aquela respeitável senhora que nós podemos contemplar em qualquer «casa de chá», com seus ares de deusa intangível, seja a mesma que vemos saltitando junto das ondas, despreocupada e alegre, quasi infantil. Pois se o mar é a grande tentação porque motivo não há-de ele fascinar as almas femininas, que também tentam. Se na vida, e até na literatura, há histórias de amor em que o mar é quasi sempre participante, na existência de uma jovem amorosa existem tanta vez ondas banhadas pelo luar ou uma esquecida conchinha com uma data ou um nome e uma jura sentimental.

E os grandes e românticos casos do coração são mais impressionantes quando têm por cenário o mar e a renda branca das ondas. Pelo menos assim o julgam as pessoas dadas a essas encantadoras descrições apaixonadas.



Que interrogará o espirito desta rapariga, na linha esfumada no horizonte? O leitor é capaz de o saber!...



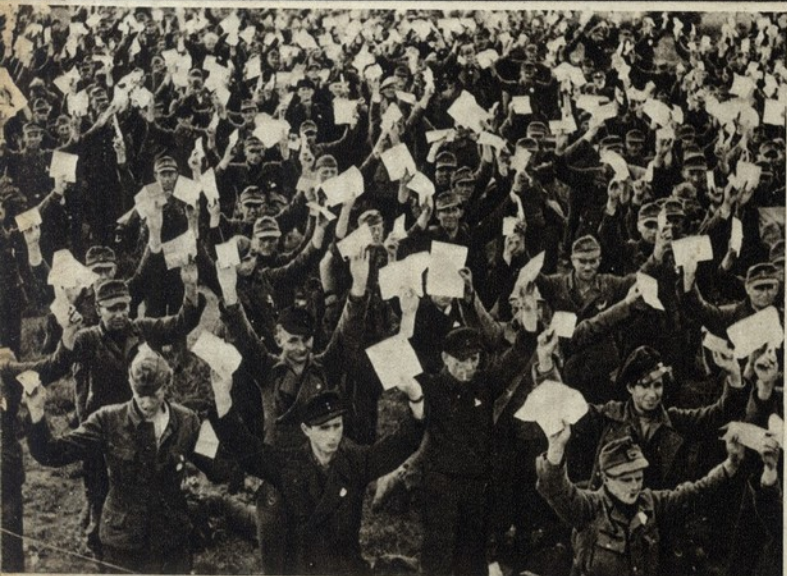
A beira-mar não apetece apenas descansar. Em alguns casos, como neste, é capaz de despertar o appetite para a merenda



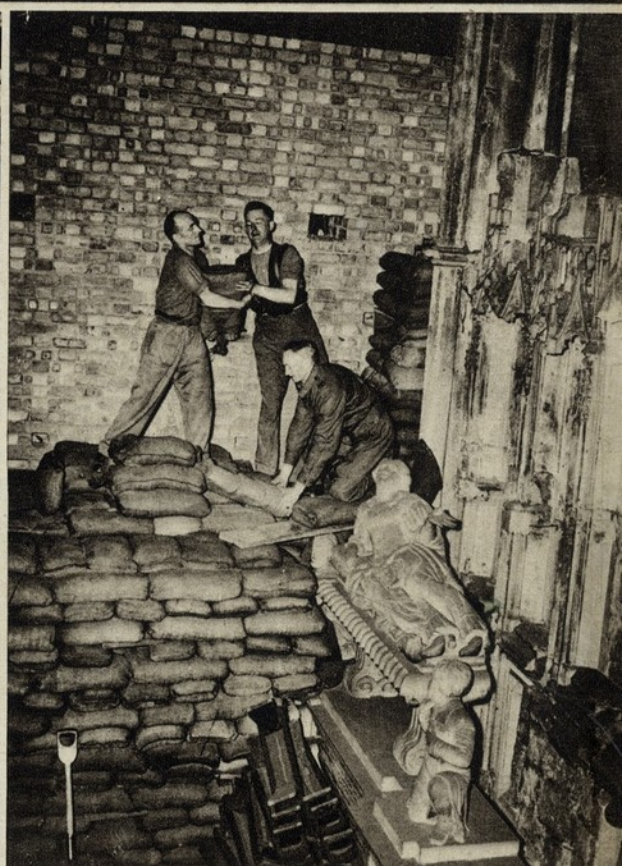
Uma interrogação cheia de saudades, sa... -se lá por quem?

Uma fascinadora sereta tenta o primeiro mareante que se deixe prender aos seus encantos

IMAGENS DA EUROPA



Trabalhadores alemães que tinham sido, na última fase da guerra, incorporados nas forças armadas são desmobilizados pelos oficiais dos Exércitos das Nações Unidas e voltam ao trabalho dos campos



Mais de oitenta mil sacos de areia protegiam as preciosidades arquitectónicas da Abadia de Westminster. 135.000 libras foram gastas nos trabalhos de defesa do grandioso templo das bombas inimigas. Agora são inúteis os sacos de areia e a Abadia volta a apresentarse como antes da guerra

O ÚLTIMO A LEVANTAR A MÃO



Eva oficial da Wehrmacht esta mulher-tipo do nazismo, que foi recentemente aprisionada pelas forças inglesas



O ultimo que fez a saudação nazi. É o major general Wagner, comandante das forças alemãs no Dodecaneso, no momento de entrar, como prisioneiro, a bordo do contratorpedeiro inglês «Kimberley»

A LINDA MISS CHURCHILL



As tropas alemãs do Dodecaneso renderam-se sem condições. Feito prisioneiro o seu comandante, os soldados depuseram as armas. E-las, atirando para o monte, o seu equipamento

CONTRASTES



Miss Mary Churchill, numa prova desportiva do segundo exército britânico, realizado em Lunenburg, Alemanha



Mulheres alemãs, que faziam parte das forças alemãs de ocupação, vão ser conduzidas para acampamentos especiais vigiados pelos soldados ingleses. Pelo seu aspecto, parece que não passaram privações algumas



Em compensação, os habitantes dos países ocupados sofreram todos os martírios da fome. São pobres habitantes da ilha de Rodas, que bebem avidamente a primeira sopa que as forças libertadoras lhes deram



Este é William Joyce, conhecido pelo Haw-Haw, que durante a guerra falou das emissoras de Berlim contra a sua pátria. Foi capturado pelo 2.º Exército, numa casa onde se escondera, e conduzido para Inglaterra

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



A elegância no lar, segundo um requintado modelo do Harper's Bazaar

O Pormenor

E muitas vezes, no pormenor que reside o encanto ou o ineditismo de um conjunto. Acessórios são: a luva, o sapato, o chapéu, a saca, a charpa, a flor, o regalo... pormenor: o ombro quimono, o drapeado na anca, o laticio de piqué, a combinação de cores...

Vejamos, pois, alguns que marcam:

— Casaco fitado não só nas orlas habituais, mas também na ombreira.

— Cinta finíssima com corpo blusado.

— Roda na frente.

— Xadrezinho miúdo.

— Decotes enormes nos vestidos de baile. Algumas vezes velam-se com renda.

— Nos punhos e na gola; bastante *lingerie*.

— Muitas pinças na cinta para prender a roda que depois se expande para cima e para baixo.

— A abertura é à frente ou nas costas. No ombro ainda não se vê tanto como os figurinos dizem.

— O cinto pode ter as iniciais gravadas ou, então, uma frase inteira, formada com pregos amarelos.

— O *canotier* é a nota 1912. Enfeita-se com flores ou fitas ou pequeninos *bouquets* românticos.

— As pulseiras usam-se cada vez mais, de todos os tamanhos e feitios, com e sem berloques. As largas barras de ouro liso são as mais modernas.

— O sapato de tecido está asentando arraisais: *gross-grain*, veludo ou fazenda igual à do vestido.

— Os lenços são canteiros de flores; os pequenos, em cambrala e linho; os de pescoço em musselina tecida com fios doirados.



Para as noites mais frias, ainda não há como o sala-e-casaco

Provérbios de Maio

Quem em Maio não moenda — aos finados se encomenda.

A Maio — basta-lhe o saio.

Uma meia feita
Outra feita por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158
L I S B O A



Gosta deste chapéu?



LAURENCE OLIVIER

FAZ, agora, vinte anos que Laurence Olivier começou a sua carreira artística. Já antes da guerra ele era considerado um dos mais destacados actores ingleses e, o que é mais ainda, um dos melhores intérpretes de Shakespeare.

Laurence Olivier, que tem actualmente 38 anos, desempenhou, em 1921, quando ainda só tinha 14 anos, o papel de Katherine, na peça de Shakespeare «A Fera Amansada». Esta representação realizou-se durante os célebres festivais em Stratford-on-Avon, terra natal do poeta, e, como nos tempos da Rainha Elizabeth, todos os papéis femininos foram desempenhados por homens.

Depois de ter cursado a Central School of Dramatic Art, de Londres, famosa pelo ensino de dição e pela especial atenção que dedica à tradição teatral, entrou para o teatro em 1924 onde começou por interpretar pequenos papéis.

De 1926 a 1928, trabalhou com a Birmingham Repertory Company e só em 1930 fez a sua aparição na tela.

Desde então até à eclosão da guerra, a sua actividade dividiu-se entre o palco e a tela, e embora o primeiro o tenha ocupado durante mais tempo, a sua popularidade deve-se principalmente ao cinema, pela sua maior expansão.

Os maiores êxitos de Laurence Olivier no cinema foram os filmes históricos ou baseadas em assuntos clássicos. Muitos destes, incluindo «A Batalha de Trafalgar», foram produzidos em Hollywood.

O seu trabalho como realizador e intérprete do filme em technicolorido «Henrique V» despertou o maior interesse, tanto nos círculos cinematográficos como nos teatrais. Olivier disse, acerca do papel de «Henrique V». «A dificuldade está na sua completa simplicidade.» Uma versão cinematográfica oferece sempre enormes possibilidades que Olivier aproveitou para conseguir a maior realidade poética e criar a ilusão de ver o passado através das imagens familiares da imaginação shakespeariana. Só em cinema se podem reproduzir fielmente cenas como as da batalha de Agincourt.

«Henrique V» foi escolhido para ser produzido mesmo em tempo de guerra, por ser uma peça inglesa animada de espírito marcial. Até que ponto Olivier conseguiu vencer na difícil missão de dirigir e interpretar o filme já a exigente crítica inglesa se pronunciou, aclamando este filme como uma obra prima de que a Inglaterra se orgulha.

JAMES MASON

EM cinema, a linguagem mais eloqüente é a das receitas de bilheteira. Podem os agentes de publicidade e os críticos enrouquecer a gritar louvores a um filme ou a uma vedeta que, em última análise, a receita é que conta. Se o público acorre a dar o seu dinheiro para ver um filme ou um actor, então o sucesso é um facto e está tudo dito.

É esta, pelo menos, a maneira de ver da indústria cinematográfica e quando um inquérito como aquele que o «Motion Picture Herald» organizou recentemente, revela que um determinado actor bateu todos os «records» de bilheteira, isso significa que ele é a vedeta preferida, não apenas das plateias exigentes de Londres, mas de grande massa de cinéfilos da província.

James Mason não só conseguiu esse grande triunfo como ainda a medalha de ouro do «Picturegoer» que costuma ser atribuída por votação entre os leitores daquela grande revista à melhor interpretação do ano, entre todos os filmes exibidos, quer ingleses, quer americanos.

Êstes êxitos tornaram-no uma das figuras mais conhecidas do cinema inglês. O público viu-o em algumas das melhores produções inglesas incluindo «Thunder Rock», «Hatter's Castle», «The Man in Grey» e «Fanny by Gaslight». Nesses dois últimos, o primeiro dos quais foi apresentado em Lisboa sob título de «Perfídia», James Mason dominou o público com o seu desempenho admirável do ingrato papel de vilão.

Mas Mason é bastante esperto para não se deixar arrastar para um género único e, assim, tão depressa é um vilão romântico como um simpático apaixonado, colecionando desta maneira os mais diferentes caracteres duma carreira artística.

No seu mais recente filme «A Place of One's Own» James Mason desempenha o papel de um fagueiro, de suíças e cabelos brancos, e carácter brando. Com excepção de Robert Donat em «Adeus, Mr. Chips», não há memória de outro actor jovem e atraente se ter arriscado a uma prova tão difícil.

James Mason, que tem actualmente 35 anos, nasceu em Yorkshire. Formou-se em Arquitectura pela Universidade de Cambridge, mas o palco interessou-o sempre mais do que os esquadros e as réguas em T. Durante a sua carreira teatral contracenou com Charles Laughton e Flora Robson no célebre Old Vic de Londres e foi aí que esta última o foi buscar para seu parceiro no filme «Fire Over England» que marcou a sua estreia na tela. Não obstante o oferecimento de contratos tentadores, Mason preferiu tentar a aventura em companhia de um grupo de jovens técnicos de cinema que só com boas intenções, idéias e pouco mais se prepunham fazer um filme. Como não tinham dinheiro para alugar estúdios filmavam todas as cenas ao ar livre, substituindo o equipamento de iluminação pelas aparições fugidias do sol. O resultado foi um filme despretensioso mas brilhantemente realizado intitulado «I Met a Murderer».

Foi durante as filmagens desta produção que James Mason encontrou Pamela Kellino, sua actual mulher. Os dois trabalham juntos novamente em «They Were Sisters».



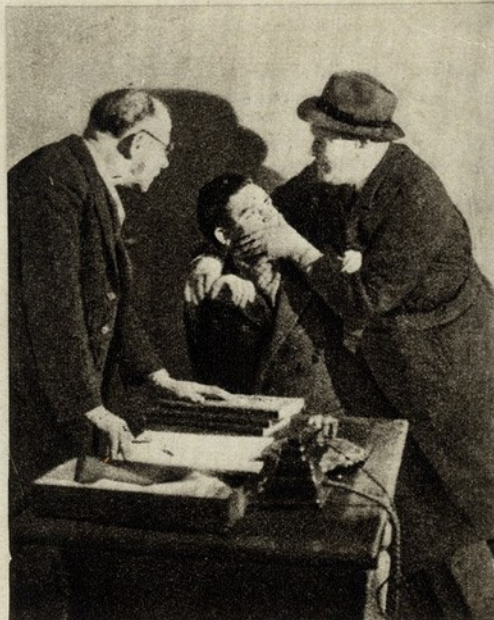
FOTO-CRIME

SERIA SUICÍDIO?



O inspector Cobbe pensou: — O casal morrerá havia dois dias. Vaughan, em consequência de um tiro recebido na têmpora direita; a mulher, em consequência de um tiro recebido no peito. Um papel, possivelmente escrito por Vaughan, anunciava que ele e a mulher haviam decidido pôr termo aos seus dias

NIGEL declarou ao inspector: o meu irmão sofria de uma doença incurável e, por isso mesmo, me falou muitas vezes no suicídio. Dizia que não valia a pena viver como ele o fazia. Vivíamos os três nesta casa. Eu não estava quando esta desgraça se deu, porque passei o fim de semana a jogar o «golf» no campo, em casa de um amigo. Quando vim, encontrei-os exactamente assim. Não toquei em nada e limetei-me a telefonar para a Polícia



O inspector resolveu entrevistar o notário da vítima. Este disse: Vaughan e a mulher tinham feito testamentos um ao outro. Torna-se agora necessário saber quem morreu primeiro. Se a senhora morreu primeiro, a herança vai para Nigel, se ela morreu depois, a herança destina-se a casas de caridade

COBBE respondeu bruscamente: «Não posso responder exactamente. Os dois foram mortos! Nigel empalideceu; a sua mão dirigiu-se à algibeira. Cobbe agarrou fortemente o seu pulso e torceu-o. A mão abriu-se e uma pilula de cianeto caiu. Cobbe gritou: você não se livra com essa facilidade

HIMMLER

(Continuação da página 17)

Este homenzinho feio e sinistro, de olhinhos semi-cerrados atrás das espessas lentes dos seus óculos e de mãos sempre encharcadas em suor, Roehm acabou, porém, por persuadir Gregor Strasser, organizador principal do partido, e tomar Himmler como seu secretário. Bem caro pagaram ambos, tanto Roehm como Strasser, este serviço por eles prestado a Himmler. Foram executados por ordem deste em 30 de Junho de 1934.

Como secretário de Strasser, Himmler ocupava a posição chave de partido. Dall conseguiu insinuar-se no corpo de elite, as guardas negras (SS) que, de princípio, formavam a escolta de Hitler e de outros chefes do partido. Embora Himmler não possuísse os predicados físicos obrigatoriamente exigidos para alistamento neste regimento de «super-especimens germânicos», Hitler escolheu-o para este posto por causa do seu fanatismo, da sua fidelidade incondicional e, em último lugar mas não menos importante, por causa da sua desconfiança cínica e profunda de toda a gente do partido com a única excepção do próprio Führer.

A ambição de Himmler era ilimitada. Considerou sempre as SS. como uma «ordem de cavaleiros» no seio da «escumalha proletária» do grosso do partido e, por isso, treinou os seus homens para serem a aristocracia do «mundo germânico do futuro». Os seus princípios, foi buscá-los em parte, ao código militar da Ordem medieval dos Cavaleiros Teutónicos e, em parte, à «lei natural» da ccelheira. Sobre este amalgama esquivo de fé semi-religiosa no Führer e de sexualidade, derramava-se um mólho viscoso de nacionalismo, de militarismo e de racismo, dos mais radicais. Os homens de Himmler treinavam-se física e mentalmente a cometer toda a espécie de atrocidade e todos os crimes contra o corpo ou contra o espirito, se fosse dada ordem nesse sentido em nome do Führer e do «Grande Reich Germânico».

Perito em «Liquidações»

A ascensão de Himmler ao poder supremo teve a sua origem em 30 de Junho de 1934 quando ofereceu a Hitler e ao Alto Comando do Exército a «liquidação» de Roehm e dos seus companheiros e a dissolução do exército de «camisas castanhas» de Roehm que, como na ocasião suspeitavam os generais, planeava um «golpe de estado proletário». Himmler recebeu boa recompensa por esta tarefa sangüinária: foi autorizado a unificar as forças da polícia alemã com as suas SS, o que fez dele virtualmente o ditador da vida civil alemã; permitiu-se-lhe manter o único serviço de polícia secreta além dos serviços secretos de informação do exército; o serviço nas SS passou dali em diante a ser equiparado ao das forças armadas

(Conclui na página 30)

QUAL A RAZÃO POR QUE O INSPECTOR SUSPEITOU DO CRIME

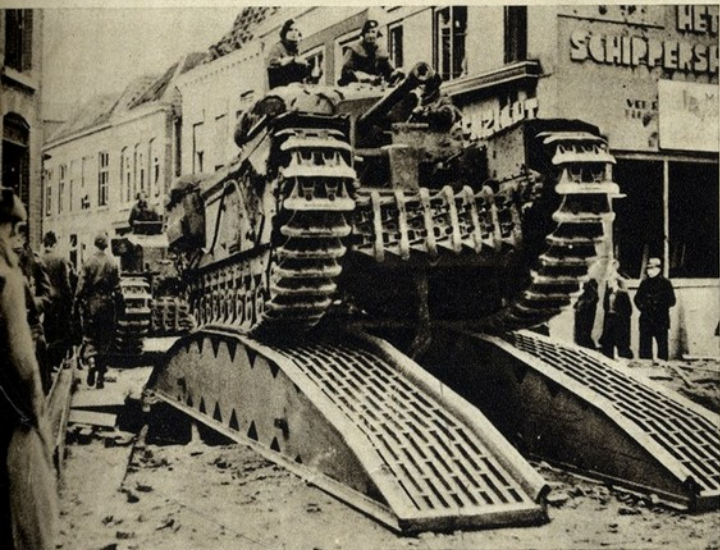
(Ver a solução na pág. 30)

OS ingleses aquem na outra guerra se deve a invenção do tank — Churchill foi o seu propulsor — aperfeiçoaram nesta, o terrível blindado, dotando-o de pontes que permitem atravessar os obstáculos que podiam impedir a sua passagem: valas anti-tanks, «dentes de cimento», etc. O tank transporta consigo uma ponte-tesoura de 38 toneladas que se movimenta por um sistema hidráulico, passando por cima dela e recolhendo-a depois. Há uma outra ponte chamada Ark, que tem como super-estrutura duas rampas. O blindado deixa-as cair sobre a solução de continuidade do terreno, de modo a que os outros tanks passem.

Estes novos modelos de blindados foram decisivos, sobretudo, na invasão da Alemanha. Transpunham tôdas as defesas. A linha Siegfried, já martelada pela artilharia, foi ultrapassada rapidamente: Crateras de granadas, fossos profundos, tudo isso ficou, em vertigens para trás, em etapas fulminantes, das colunas motorizadas. A Alemanha estava vencida. Estes poderosos blindados foram empregados na campanha de Burma, com óptimos resultados, são, afinal, engenhos para todos os terrenos, verdadeiros corta-matos, que levam a vitória na frente.



Um tank «Churchill» com a ponte tesoura, atravessa, facilmente, uma vala aberta no caminho por uma granada

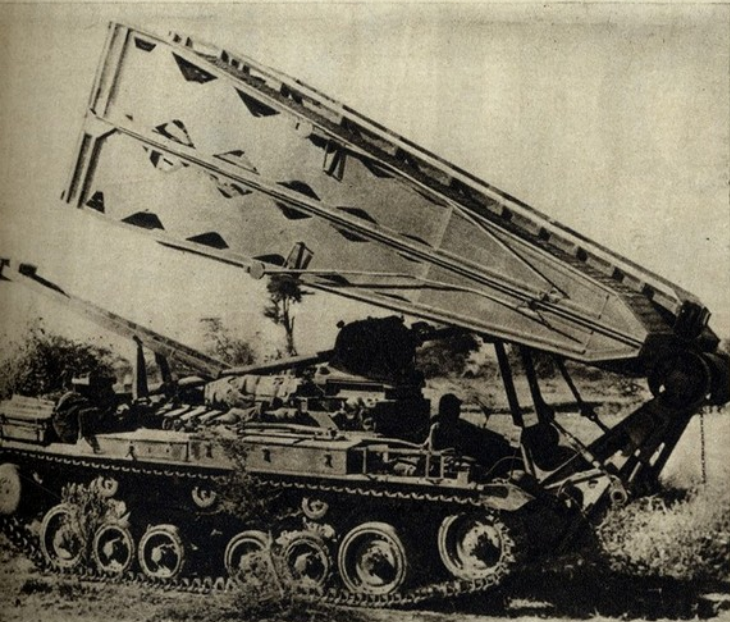


Uma ponte foi destruída, mas os blindados mais poderosos não deixam de passar, com o auxílio da nova super-estrutura

NOVOS TANKS



Este é outro sistema para vencer tôda a espécie de obstáculos: a ponte Ark. Examinando a fotografia é fácil compreender o seu curioso funcionamento. O próprio, tank suporte serve de passagem



O tank carrega a ponte tesoura depois de utilizada, abrindo caminho à coluna. Uma longa coluna de blindados, precedida pelo tank dotado de ponte-tesoura, segue ao longo de uma estrada que fora maltratada pela artilharia



SEM
PINCEL!!

SEM
SABÃO



RAPIDE

**O CREME QUE BARBEIA
MELHOR E MAIS RÁPIDO!**

Concessionários e Distribuidores: SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA.

Fábrica: RUA RODRIGO DA FONSEÇA, 87-B — TELEFONE 45410
Escritório e Depósito: RUA RODRIGUES SAMPAIO, 59 — TELEFONE 40850



FRANCISCO MATA

Ele venceu na B. B. C.

F FRANCISCO MATA é um nome que anda na memória de todas a gente. Da gente dos jornais, pois, Francisco Mata é jornalista de raro espírito; e de todo o mundo, visto que todo o mundo ouve Rádio. Melhor dito: Mata é a mais moderna expressão de escritor da Rádio. Não contém esta designação qualquer propósito paradoxal. Já alguém, um seu colega, figura igualmente brilhante, lhe chamou, e muito bem, um escritor da Rádio, pois a Rádio também possui a sua expressão de literatura se bem que diferente da que é manifestada pela forma escrita.

Francisco Mata, era de esperar, não pôde fugir à tentação e às sugestões de um honroso convite: ir para Inglaterra.

O seu triunfo entre nós, sendo muito, era pouco para ele. As suas aspirações eram mais amplas, mais humanas.

Depois de centenas de programas exclusivamente organizados e escritos por ele que os atirou "para o ar", com um interesse e um incitamento sempre crescentes, isto é, quando o seu nome era, por assim dizer, indispensável nos programas portugueses, Francisco Mata foi tentado por legítimas aspirações de arte e a convite da B. B. C., partiu por Londres.

E ali, na grande metrópole, Mata obteve um êxito imediato e maior do que entre nós, porque a sua amplitude está em relação com a vastidão e superioridade do ambiente radiofónico.

Uma das suas mais notáveis crónicas radiodifundidas pela B. B. C., em que ele afirmou, entre outras coisas, que «Londres é mais do que a cidade do nevoeiro, é a fortaleza da liberdade», foi rapidamente traduzida e incluída na emissão para a França.

Hoje o seu «Documentário sonoro», editado em Londres, constitui um dos números daquela emissora dos mais apreciados não só na capital do grande Império como também em Portugal onde conquistou já os rádio-ouvintes.

Talvez não seja muito triunfar em Lisboa, contudo, em Londres deverá ser um tanto mais difícil.

Francisco Mata, porém, atingiu esta dualidade: triunfou cá e em Inglaterra foi, rapidamente, triunfador.

ONTEM E HOJE

DOR AUGUSTO RICARDO

Jovens de muita idade...

LONGE de nós o feio propósito de exaltar o que é velho. De velharias todos estamos fartos. E até, porque nós, por desrespeito pelo tempo, teimamos heroicamemente em ser novos.

Mas há factos que não podemos deixar de lembrar, se bem que se trate de outra espécie de velharia: a do espírito, que não a do corpo.

Acêrca da última peça representada de Eduardo Schwalbach, esse confronto de mocidade e decrepitude, surgiu no nosso espírito. E então relembra-mos que o maior dramaturgo contemporâneo é Bernard Shaw, que é octogenário; que outro, Jacinto Benavente, também já passou dos oitenta, que Pirandello só depois dos cinquenta começou a escrever teatro; e que Eduardo Schwalbach há muito passou a casa dos oitenta.

Isto não quer dizer que os jovens não sejam em particularíssimos casos superiores aos velhos. Estes, porém, talvez por muito haverem vivido, teimam, muita vez, em não fazer má figura ao pé daqueles que, temporariamente, conservam o condão dos verdes anos.

Eduardo Schwalbach, na sua recente peça «As duas mascaras», provou que nenhum dramaturgo, mesmo que tenha vinte anos, poderá, com justiça, considerá-lo mais velho. Desde a impulheta, passando pelo solário, até ao mais recente e perfeito modelo de um cronómetro, tudo pode servir para contar os anos. Mas para medir o talento, que sabemos, ainda não se inventou o talentómetro.

O CÃOZINHO-O ELEITO

TODOS os anos, mais ou menos por esta época, realizam-se num parque de Lisboa exposições de cães. O caso é falado, muito falado mesmo, entre pessoas de categoria. E o local onde os quadrúpedes estão expostos torna-se, por mór d'elles, em ponto elegante de bom tom. Circunstância esta que pode ser atribuída ao interesse que o certame da canzoada desperta. Canzoada não é, possivelmente, o termo adequado áquelles exemplares caninos. Pois não vai lá quem quer, mesmo que seja inconfundivelmente cão.

Para ali se poder brilhar é imprescindível ser cão de raça. Isto é: ter linhagem, genealogia, ser filho de pais conhecidos e não de qualquerrafeiro anónimo e valdevino.

Por esses motivos e como se trata de cães respeitáveis, o certame é, para muitas pessoas, um delicioso espectáculo. E há ainda quem negue o significado superior que tais certames representam na evolução cultural da sociedade!

Dos cães sem nome, anónimos, esfomeados, esqueléticos, que defendem a fazenda, que são guias dos pobresinhos e dos cegos, que prestam úteis serviços ao homem, d'elles não reza a história.

Talvez porque os cães, tal os homens, têm pontos de contacto entre si.

Essa velha frase amarga que traduzia o mal da existência contido no desabaço assim vaciferado: «Vida de cão», caiu no esquecimento.

Se noutros tempos os homens sentiam pena do cão, como tudo está mudado, não é de surpreender que os cães, não somente os bem tratados, lamentem hoje a situação do homem.

Neste momento feliz da humanidade quasi se pode avaliar a psicologia do ser humano pelo cão que a sua dona traz, carinhosamente, aconchegado ao colo.

A bondade maltrapilha, sem elegância, não é sentimento que mereça atenção.

É por isso que todas as pessoas de importância e de sentimentos revelados com tanta elegância, perante os referidos certames, exaltam generosa e bondosamente essas periódicas exhibições de cãesinhos de luxo.

Livros da quinzena

O livro de um repórter

MANUEL NUNES é um profissional do jornalismo dos mais hábeis, dignos e queridos. Além disso possui a noção do seu valor; por isso, não se julga um génio, pecha que atinge muitos afamados senhores que não reparam nos próprios e duvidosos dotes.

Durante estes Manuel Nunes esteve, por exigência da profissão, em contacto com os mais diversos casos que constituem o reverso da vida de quasi toda a gente.

Depois, um chefe de policia, também de posse de estranhos factos, converziu com o jornalista, deu-lhe temas, elucidou-o.

Como consequência surgiu um livro cheio de interesse, escrito com clareza e emoção e no qual Manuel Nunes, mais uma vez, revelou as suas qualidades de repórter.

Por tal facto aqui deixamos, escrita, gostosamente, esta referência a um camarada, que, embora alheio a elogios, por isso mesmo merece ser saudado, pelo seu recente livro: «Memórias do chefe de Policia Pereira dos Santos».

Ao traçarmos este curto apontamento, ficamos tão de bem com a nossa consciência!

NIVEA

para o cuidado da pele

Os primeiros olhares são para o rosto e para as mãos, evitai pois a vermelhidão e o agredamento, conservai a pele lisa e macia usando diariamente o CREME NIVEA.

Usar o CREME NIVEA não constitue um luxo, pois que pode obter-se a partir de 4\$00.

Neste periodo de intemperies é indispensavel prevenir friccionando a pele com CREME NIVEA, principalmente o noite antes do deitar.

Preço des de 6\$00



Distribuido
PESTANA, BRANCO & FERNANDES, Lda
Rua dos Sapateiros, 39-1 - LISBOA



A Imprensa Britânica

(Continuação da página 2)

coisa puramente voluntária — nenhum jornal é obrigado a submeter à censura os seus artigos ou relatos. O único travão é a possibilidade de ser processado qualquer jornal ou periódico que publique informação de valor para o inimigo pondo em risco a segurança do Estado. O direito de comentário livre manteve-se inviolável e a Imprensa, como convém a um país democrático, pode criticar e crítica a política do Governo com o ardor que lhe apetece e quantas vezes quiser. Por mais de uma vez a opinião pública expressa por meio da Imprensa se fez sentir e conseguir as alterações desejadas. O governo, por seu lado, tem também depositado confiança na Imprensa, comunicando oficialmente a editores e outros funcionários, e com certa antecedência, acontecimentos importantes que estavam para dar-se — confiança esta, escusado será dizer, que nunca foi traída.

Os reporteres e fotógrafos de guerra produziram um trabalho magnífico em muitas frentes de batalha. Alguns foram feridos, outros foram feitos prisioneiros e ainda outros perderam a vida no cumprimento do seu dever. De

"Lâminas boas e baratas"

A qualidade não é coisa impossível nas lâminas de preço modesto — como lho certificará quem quer que empregue as Nacet. Nacet: significa uniformidade — todas as lâminas, de cada pacote, são boas, barbeiam suavemente. As Lâminas Nacet tornaram-se muito populares entre os possuidores de máquinas de 3 furos, devido às suas qualidades.



LAMINAS "NACET"

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

modo semelhante, os seus colegas na mãe pátria continuaram a exercer o seu mister sujeitos a todos os riscos da guerra. Durante os duros ataques aéreos de 1940-41 foram arrasados ou sofreram estragos os escritórios de muitos jornais londrinos ou da província, na famosa Fleet Street. No entanto, apenas um único jornal deixou de se publicar. Esqueceram-se as rivalidades do tempo da paz e os escritórios dos jornais mais felizes puseram imediatamente os seus prelos ao dispor daqueles que tinham perdido os próprios. E quando os alemães desviaram os seus ataques para as cidades da Província, repetiu-se a mesma íntima colaboração. Foi certamente magnífico o trabalho executado pela Imprensa Britânica durante a guerra.

A PAZ NA EUROPA

(Continuação da página 9)

dia mostram até que ponto o governo central se preocupa com a resolução duma das questões mais delicadas que afectam o futuro da Comunidade britânica. Ao mesmo tempo que procede à desmobilização ordenada das suas forças armadas, a Inglaterra conserva nas fileiras os

efectivos necessários para o prosseguimento da guerra contra o Japão, prepara os planos de adestramento para o seu futuro exército, reforça a sua marinha de guerra, reorganisa a sua força aérea, aquela que deve suceder à R. A. F., de tão gloriosas tradições.

Mas é sobretudo no plano da recuperação económica e das vastas realizações sociais que o esforço renovador da Inglaterra começa a fazer-se sentir vigorosamente.

GOERING

(Continuação da página 16)

do governo como Ministro de Aviação do Reich e Ministro do Interior da Prússia e este último posto significava ser ele chefe das forças da Polícia no maior estado da federação. E Goering não tardou em servir-se das forças da Polícia para fomentar os desígnios nazis da maneira mais impiedosa. Dêle receberam ordem para esmagar os adversários políticos dos Nazis com a máxima violência e, como a polícia tradicional não lhe parecesse bastante apta para essa tarefa, criou a Polícia Secreta do Estado que, sob a abreviação de «Gestapo» passou a ser vulgarmente tida como sinónimo de terror e de crueldade. O nome de Goering está, por este motivo irremediavelmente ligado ao desrespeito da lei, embora se retirasse em breve da parte activa do trabalho da Gestapo para não ser mais do que seu chefe nominal.

O anseio insaciável pela guerra

E' que havia fins mais importantes a ocupar-lhe a actividade. Competia-lhe preparar a Alemanha para a guerra, de duas maneiras. Organizando e expandindo a Luftwaffe, forjou um instrumento para espalhar o terror entre as possíveis vítimas do novo militarismo. Organizando a vida económica da Alemanha para fazer face às exigências desmedidas da guerra moderna, não deixou subsistir dúvida alguma de que a Luftwaffe, como o exército alemão, não tinha sido criada para promover a paz, como êle se não cansava de afirmar vez, após vez. De facto, a inclinação de Goering para uma vida de luxo e a sua actitude de Meccenas paquidémico das artes, não podiam encobrir o seu anseio insaciável pela guerra.

O sofrimento conheceu-o a Alemanha quando a rigidez da economia da guerra, imposta desde 1934, fez baixar o nível da vida. Sob as restrições da autarquia, porém, Goering engordava de dia

APP

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

MCAMPOS

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

HERPETOL

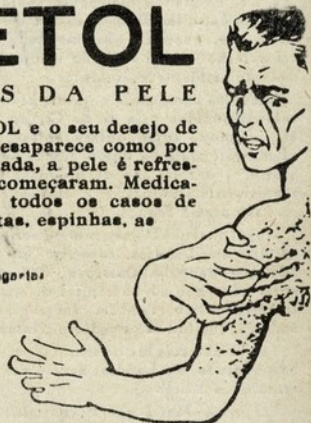
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

À venda em lâbas nas farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



para dia. A empresa industrial Hermann Goering Werke expandiu de maneira semelhante e, embora pertencesse ao Reich, trouxe-lhe bastos proventos. A verdadeira hora de Goering não souo, porém, senão quando a Alemanha soltou as fúrias da guerra. Pôde então aplicar à guerra os métodos impiedosos de que antes se servira contra os adversários dentro da Alemanha. Goering, Comandante Supremo da Luftwaffe, inaugurou os ataques em massa contra civis. Goering, ditador económico da Alemanha, expropriou nos países ocupados indústrias que fizeram da Hermann Goering Werke a maior empresa industrial que já mais se vira.

Derrota decisiva da Luftwaffe

No entanto, desvanecia-se a sua estrela antes mesmo do colapso da estrutura do Reich de Hitler. A Luftwaffe, organizada para vibrar golpes rápidos e decisivos, sofreu uma derrota tão esmagadora na batalha da Grã-Bretanha que, muito embora fôsse grande a destruição por ela causada depois, nunca se refez suficientemente para desempenhar um papel decisivo em operações posteriores. A medida que a guerra se arrastava, a organização económica da Alemanha demonstrou-se inadequada às circunstâncias.

Embora ainda oficialmente a segunda figura da Alemanha nazi, Goering foi superado por outros. Durante os últimos dois anos não se mencionou o seu nome senão para fins decorativos. Isto deu origem a boatos de pertencer Goering ou mesmo chefiar um partido moderado entre os nazis. Seja ou não verdade, nada seria menos exacto do que supôr que este abutre humano se transformou num pacífico rouxinol. Pode tentar fazê-lo mas o seu nome passará para a história como um dos maiores carneiros da humanidade.

HITLER

(Continuação da pág. 16)

Em Agosto de 1914 alistou-se voluntariamente no exército alemão, mas nada consta oficialmente da sua carreira mi-

**OS BONS PAIS VIVEM TRANQUILOS,
CONTRATANDO UMA APÓLICE
EDUCAÇÃO
DA IMPÉRIO**



**COMPANHIA
DE SEGUROS
RUA GARRETT, 56
LISBOA**

IMPÉRIO

litar que os seus biografos engrinaldaram de tanta glória.

No fim da primeira guerra mundial, Hitler sofreu de uma neurastenia histérica e foi, então, que descobriu a sua «verdadeira missão». Começou quando se empregou no serviço secreto de informação do exército na qualidade, de espião das organizações políticas de Munique. Por dever de cargo, entrou em contacto com um grupo pequeno de excêntricos políticos que dentro em pouco passou a chefiar e que transformou no Partido Nazi. Por meio de força bruta Hitler tornou-se poderoso em Munique — tão poderoso que se sentiu em 1923 com forças para tentar um golpe de estado com o propósito de se guindar ao poder sobre toda a Alemanha. Esta tentativa fracassou, porém, o partido desmembrou-se e Hitler passou alguns meses numa fortaleza.

Mal foi posto em liberdade, tratou de reorganizar o partido. Todavia, foi apenas em 1928 que pôde transformá-lo num movimento de massas de gente, e por meio da «chantagem», da corrupção e da violência, alcançou o poder em 1933.

O Estado pertence ao Povo

Da mesma maneira Hitler reformou a Alemanha. O arbitrio substituiu o sistema legal

ordeiro, os campos de concentração passaram a ser instituição permanente daquilo a que se deu o nome do «Estado pertencente ao Povo», e foi assassinada gente de todas as classes sociais. Toda esta destruição de valores humanos servia um único propósito: preparar a Alemanha para a guerra.

Hitler deu ao exército mais do que já mais sonhara receber o oficial mais imaginoso e, como tudo ficava subordinado às necessidades militares, a Alemanha transformou-se de facto no maior acampamento militar da história. A ninguém podia parecer verosímil que os propósitos levados a cabo nessa escala gigantesca se destinavam apenas à defesa — à defesa dum país que ninguém se propunha atacar.

Uma semana antes da Alemanha invadir a Polónia, Hitler reuniu os generais comandantes do exército e desvendou-lhes os seus planos de implacável conquista. Se alguma vez a culpa dum guerra pôde ser, provavelmente, atribuída a uma única pessoa foi certamente esta. E assim como, em última instância, esta responsabilidade coube a Hitler — embora compartilhada por outros — assim também coube a responsabilidade de todas as barbaridades perpetradas pelas alemães desde a tortura e o assassinato em massa de homens, mulheres e crianças, ao bombardeamento indiscriminado de grandes cidades antes mesmo da declaração formal da guerra.

Foi Hitler quem concebeu o plano de invadir países amantes da paz, tais como a Noruega, a Dinamarca, a Holanda e a Bélgica, violando tratados de paz como anteriormente tinha violado outros tratados. Absteve-se de dirigir operações militares até Dezembro de 1941, quando assumiu o comando supremo do exército — e portanto a responsabilidade de todos os seus actos.

Um nome que acoberta a infâmia

O seu nome acoberta o saque de países ocupados, a revogação ilegal da lei constituçio-



permanecer jovem... não será o sonho de toda a mulher que está para envelhecer? Recupere a cor natural dos seus cabelos e conservará a aspecto da mocidade. E não creia que is o acarrate dificuldades intransponíveis. Um quarto de hora chega para aplicar com êxito a Imédia que restitui aos cabelos grisalhos o seu aspecto primitivo. Peça a V. Ex.ª a documentação gratuita e sem compromisso aos agentes da tinta Imédia, rua d'Assunção, 88-2.º Lisboa

nal e o desmembramento da administração naquêles países o restabelecimento da escrivatura, a obliteração de aldeias e o assassinato em massa das suas populações como reféns, prisioneiros de guerra ou pessoas «indesejáveis» que se cifraram em milhões em toda a Europa.

HIMMLER

(Continuação da página 24)

e, em caso de guerra as SS, como SS armadas, ficariam a constituir uma parte independente da Wehrmacht.

Por esta forma, Himmler forçou o militarismo germano-prussiano a aceitar as formações armadas dum partido político como organização não só igual mas compreendida nas forças armadas do Estado.

De então em diante Himmler conquistou — o mais das vezes sem luta — todos os ramos da vida militar, política social, económica e civil da Alemanha e fez-se assim virtualmente o poder mais forte dentro do Reich. Não havia ministério nem secretaria de Gauleiter, nem alto comando militar, nem qualquer organização importante, científica, de beneficência ou profissional, nem fábrica importante que não fôsse controlado por Himmler e os seus chefes SS, que êle colocou em todas as posições-chaves. Por intermédio da Gestapo e dos «Serviços de Segurança das SS» (Sicherheitsdienst) recebia informações não só a respeito do que as pessoas faziam mas também do que pensavam!



OATINE

Os célebres cremes ingleses
OATINE CREAM, OATINE SNOW, e OATINE POWDER BASE

de fama Mundial, restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

Perfumes
Sabonetes
Pó d'Arroz
Creme de Barba
Sais para BANHO

À venda nas casas da especialidade



Quando a indigestão lhe dá a fca cada vez no estômago e lhe aperta o coração, quer alívios — e quer-os depressa! Pode estar a quilômetros de distância de casa e, certamente, não sentirá vontade de sofrer até lá chegar.

Pois, na verdade, não necessita de sofrer tanto. Bastará meter a mão na algibeira do colete ou na malinha de mão, se tiver tido o cuidado de lá ter metido algumas pastilhas de Rennie, que são embulhadas em separado, para assim poderem ser transportadas. Chupe duas, uma a seguir a outra. Em poucos minutos as Rennies terão neutralizado o excesso de ácido do estômago, causa da indigestão!

Nem demoras, nem colheres, nem copo de água. Sem mesmo dar por tal, as dores do estômago, a sensação de queimadura terão desaparecido. Voltará a estar senhor de si. Compre um pacote na sua farmácia, ainda hoje.



Como Ministro do Interior e Comandante em chefe do Exército Territorial Alemão reunia na sua pessoa a mais alta autoridade militar e administrativa a seguir a Hitler.

Por isso Himmler foi um dos maiores responsáveis pelos crimes indescritíveis que tanto nos países ocupados como na própria Alemanha se têm perpetrado contra a humanidade. Embora não tivesse sido um pensador original, Himmler foi um organizador competentíssimo e executou fielmente a vontade e as leis do seu Führer como vêm expostos no «Mein Kampf». Em face do colapso do Império Mundial Germânico propunha-se, sem dúvida, preparar a sobrevivência da ideologia Nazi com a mesma competência e fanatismo. Não realizou o seu sonho.

Sinistro apêlo «subterrâneo»

Baseavam-se os planos na esperança de que, após o colapso militar alemão, passariam a existir na Alemanha condições caóticas de que a sua propaganda subterrânea responsabilizaria os aliados victoriosos. A fome, a insuficiência de alojamento, o desemprego, a doença (assim esperava Himmler) disporem o povo alemão a aceitar novas lendas nazis e a auxiliar actividades terroristas que ten-

cionava dirigir contra todo o alemão que ajudasse os aliados tentando restabelecer a ordem e condições decentes de vida.

A resposta a este sonho de Himmler consiste não só numa estreita e severa ocupação militar da Alemanha pelos aliados mas também, no propósito de destruir para todo o sempre toda e qualquer herança nihilista do Nazismo.

GOEBBELS

(Continuação da pág. 17)

Hitler, que dependia da Reichswehr e do dinheiro dos grandes industriais. Strasser recebeu ordem para sair de Munique e para captar a adesão da Alemanha do Norte ao movimento. Goebbels acompanhou-o, em parte para o vigiar e, em parte, para se ocupar superiormente do problema espinhoso da Capital «Vermelha», Berlim. Em breve Goebbels, ainda subordinado a Strasser, foi nomeado Gauleiter nazi de Berlim e, depois de evidenciar os seus dotes demagógicos, foi nomeado chefe da propaganda nazi para toda a Alemanha.

Promovido por Hitler

Quando se tornaram mais tensas as relações entre Hitler e Strasser, Goebbels informou a chefia suprema do partido acerca dos «planos perigosamente ambiciosos» de Strasser. Strasser veio a ser, finalmente, demitido de todos os cargos partidários em 1932, mas Goebbels recebeu a recompensa da sua fidelidade ao Führer. Em 30 de Janeiro de 1933 (dia em que Hitler foi nomeado Chanceler do Reich), Goebbels foi por êle escolhido para Ministro do Reich da Instrução Pública e da Propaganda.

Morreu nesse dia, na Alemanha, a liberdade de expressão, a liberdade da Imprensa, e a liberdade do pensamento. Mentiras, embustes, deturpações e difamações passaram a ser os princípios não só da propaganda oficial alemã mas também da literatura, da poesia, do teatro, da vida da indústria do filme e das artes do Terceiro Reich — que deixaram de ser «profissões liberais» para se transformarem em «secções» do poderosíssimo Ministério de Goebbels. Por controlar a edição de livros escolares, especialmente dos compêndios de história, coube a Goebbels grande parte da responsabilidade pela educação da nova geração que recebeu, desse modo, treino especial para a guerra de vingança.

Nenhum escritor alemão podia publicar um livro, nenhum autor ver subir a um palco alemão a sua peça, nenhum artista exhibir as suas telas ou esculturas, a não ser

que merecesse a confiança política da suprema autoridade nazi.

A vasta corrupção espiritual

Não tardou que a Alemanha fôsse varrida de lês a lês pelo mais gigantesco sistema de corrupção espiritual de que reza a história. Mesmo assim, não ficou satisfeita a ambição de Goebbels apesar de exercer um poder colossal sobre o espirito e os pensamentos do povo alemão. Queria também desempenhar papel executivo na política. Serviu de alcega para isto o seu segundo cargo: o de Gauleiter de Berlim, isto é, o funcionário mais categorizado na capital e no distrito circundante. Nesta qualidade, pôde vigiar a maioria dos outros ministros e altos funcionários nazis que moravam em Berlim e tirar proveito das suas rivalidades pessoais.

Incitou Hitler contra Goering e Goering contra Hitler, Himmler contra Roehm e o Estado Maior alemão contra ambos; Ley contra Speer e assim por diante, mas em todos os casos, quando as coisas chegavam ao ponto nevrálgico, Goebbels com um instinto infalível, apoiava sempre o vencedor. Provou-o bem naquele fatídico dia 30 de Junho de 1934, quando foram executados o seu antigo chefe, Strasser, e o seu amigo íntimo, Roehm, e começou a ascensão ao poder supremo do seu inimigo Himmler. Tornou a prová-lo quando, em 1942, surgiu nova crise da maior gravidade porque Hitler e Himmler, de um lado, opinavam em favor da guerra contra a Rússia enquanto Goering e os generais combatiam a idéia.

Não tendo fê senão no poder, este cínico de pés tortos pôde orientar a sua propaganda conforme ditavam as circunstâncias de momento.

Foi a esta razão pela qual, mesmo Himmler, o inimigo mais antigo que tinha Goebbels, não só se não deu ao trabalho de «liquidar» o doutor mas conservou-o no seu cargo até ao fim. Mesmo o seu terror não infundiria o necessário respeito sem o auxilio da grande máquina de «propaganda total» de Goebbels. O governo britânico, reconhecendo perfeitamente a influência e responsabilidade de Goebbels, declarou-o, portanto

A MUNDIAL

No anúncio desta importante companhia de seguros, publicado no número do «Mundo Gráfico» dedicado à vitória das Nações Unidas na Europa, escreveu-se por lapso Receita em 1914, 49 mil contos, quando devia ter-se escrito receita em 1944.

A SOLUÇÃO DE 'FOTO-CRIME'

Quando o inspector Cobbe entrou, reparou que o relógio que estava na mezinha de cabeça andava (comparar as figs. 1 e 2). Era um relógio despertador ordinário; cuja corda não durava mais de vinte e quatro horas. Ora se êle estava a andar, o assassínio não o verificara, há dois dias, o que se punha de lado porque o facto estava comprovado, ou o assassínio tinha voltado ao local do crime depois de o cometer e julgando que era por menor que o vicia salvar dera corda ao relógio. O facto de Ningel, depois de ter escutado a conversa do notário ter tentado o suicídio pô-lo de sobre-aviso. Apertou pois o irmão da vítima num interrogatório cerrado. Ningel casu em contradições e acabou por confessar que matara o irmão e a cunhada antes de se ausentar para o campo. Pensando depois que seria melhor dar a impressão de que fôra um suicídio, voltara na noite anterior, pusera o revolver na mão da vítima e dera corda ao relógio.

criminoso de guerra a quem seria dado tratamento igual ao que caberia a qualquer gangster nazi que tivesse assassinado ou torturado por suas mãos as suas vítimas. E Goebbels assim o compreendeu.

PARA UMA REFEIÇÃO SABOROSA!



Desapareceram as dores

Não deixe que lhe estrague todas as refeições a sensação de fogo no estômago, flatulência ou dispepsia. Tome uma colher de chá de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos. Não tem igual para combater o excesso de acidez — frequentemente a causa de ardores, flatulência e outras formas de indigestão.

DIGESTÃO ASSEGURADA

MAGNÉSIA BISURADA

A venda em todas as farmácias em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

OS programas "O inglês pela rádio" principiaram em 1943. São, agora, transmitidos mais de cinco vezes por dia e podem ouvir-se na África do Norte e no Próximo Oriente, assim como em quasi tôdas as regiões da Europa. Geralmente, são apresentados sob a forma de simples diálogos, falados vagarosamente e limitados a um vocabulário de 500 palavras por causa dos ouvintes que tenham pouco conhecimento da língua inglesa e desejem praticar. Programas mais adiantados de conversação idiomática em velocidade normal também são transmitidos.



O programa vai começar. Da esquerda para a direita, vêem-se Lindsey, produtor; Amy Vose, Geoffrey Earle, Brenda Cleather e John Foreman, locutores; M. V. Law, assistente de programa; Noel Jones, produtora e assistente de programa e Alan Wheatley, locutor

A B. B. C. TRANSMITE LIÇÕES DE INGLÊS

Às horas e comprimentos de onda seguintes:

- 08.45 — 09.00 (Excepto Domingos) 48.54, 31.88. (373, 307, 267).
- 12.00 — 12.15 41.61, 31.88, 31.50, 25.49, 25.30, 19.85 (373, 307, 267).
- 13.00 — 13.15 41.96.
- 13.30 — 13.45 49.71, 42.21, 31.17, 25.09, (1500).
- 14.15 — 14.30 41.96, 31.01, 25.42.
- 17.30 — 17.45 41.96, 31.01, 25.42 (285).
- 18.15 — 18.30 41.64, 41.21, 31.88, 31.50, 31.17, 25.49, 25.30 19.85 (1500, 373, 261).
- 21.45 — 22.00 41.96, 31.01 (285)



Vernon Duckworth Barker, membro do serviço Europeu da B. B. C. falando com o célebre escritor William Gerhardt



Brenda Clearer, que tem o papel de «Ann», e Alan Wheatley, que faz de «Grandfather»

Um momento antes de ir para o ar. Noel Jones, Betty Nicholl e Geoffrey Earle ensaiam



**MUNDO
GRÁFICO**

GUARDA AS LIBERDADES DA AMÉRICA